



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A PRESENÇA DO EDUCADOR PESTALOZZI NA
EDUCAÇÃO**

NATÁLIA COSTA ARAÚJO

BRASÍLIA - DF, DEZEMBRO DE 2011



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A PRESENÇA DO EDUCADOR PESTALOZZI NA
EDUCAÇÃO**

NATÁLIA COSTA ARAÚJO

BRASÍLIA - DF, DEZEMBRO DE 2011

NATÁLIA COSTA ARAÚJO

**A PRESENÇA DO EDUCADOR PESTALOZZI NA
EDUCAÇÃO**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Comissão Examinadora:

Professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Ana da Costa Polônia

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília – DF, dezembro de 2011

NATÁLIA COSTA ARAÚJO

**A PRESENÇA DO EDUCADOR PESTALOZZI NA
EDUCAÇÃO**

Trabalho Final de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Comissão Examinadora:

Professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Ana da Costa Polônia
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília – DF, dezembro de 2011

Dedico este trabalho a todos os profissionais da educação que buscam inserir em suas práticas pedagógicas o sentimento de amor como peça fundamental do processo de alfabetização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por mais esta oportunidade concedida em minha vida.

Aos meus amados pais Lilia e Ulisses pelo amor, carinho, compreensão, sempre acreditando nos meus sonhos e me dando força para segui-los.

Aos meus queridos irmãos Thiago e Lucas, por serem mais do que familiares, sendo amigos para todas as horas.

Ao meu namorado e futuro marido Romualdo, por estar sempre ao meu lado oferecendo todo o apoio. Por seu amor, carinho, atenção e acima de tudo por ser aquele que eu escolhi para dividir os meus maiores sonhos.

A todos os meus familiares por fazerem parte da minha caminhada, sempre contribuindo com suas palavras sábias reconhecidas pela voz da experiência.

Aos amigos e amigas por todos os momentos de diversão, alegrias compartilhadas fazendo-se inesquecíveis. Em especial, minha amiga Andreyssa por mais de 19 anos de amizade, compartilhando o que há de melhor em todas as fases da vida.

Aos amigos que entraram comigo no curso de Pedagogia em especial, a Loyane, a Mariana, a Letícia e o João Paulo, que nesses anos apesar de cada um ter seguido um caminho diferente, o sentimento fraternal continua o mesmo.

A todos os professores da Faculdade de Educação da UnB que tive a oportunidade de estudar, por compartilharem seus saberes, contribuindo para minha formação tanto profissional como pessoal. Além da constante preocupação em fazer do curso de Pedagogia um curso cada vez melhor.

A querida professora e orientadora Teresa Cristina, por toda sua atenção, disponibilidade, sensibilidade em tornar esta fase da minha vida agradável, mostrando-me por meio de suas palavras e atitudes um exemplo de professora e de pessoa.

A todos que de alguma maneira contribuíram para minha formação integral, envolvendo os diversos aspectos que constitui o ser humano.

Ao Educador Pestalozzi por me mostrar a Educação sob o olhar de quem ama o próximo, dando-lhe o necessário para sua formação plena como indivíduo.

Amor é o único e duradouro fundamento sobre o qual pode a nossa natureza ser educada para a humanidade.

(Johann Heinrich Pestalozzi)

ARAÚJO, Natália Costa. **A presença do Educador Pestalozzi na Educação.** Brasília – DF. Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2011.

RESUMO

Durante o século XVIII, na Suíça, Johann Heinrich Pestalozzi destacou-se por suas experiências nos processos de ensino rompendo com os modelos tradicionais. Suas inovações atingem o campo denominado como Método intuitivo, o qual compreende a criança como sujeito ativo em seu processo de aprendizagem. Sendo assim, propõe por meio do contato direto com os objetos, sua melhor abstração para um real conhecimento, partindo sempre do conhecido para o desconhecido. Outro componente presente na abordagem utilizada pelo Educador é o elemento amor, principalmente aquele oriundo da mãe, entendida como a primeira educadora da criança e depois os professores, pois o desabrochar das potencialidades surgirá por meio da prática educacional exercida pelo educador ao favorecer um clima espiritual positivo, manifestado em forma de benevolência, entusiasmo e compreensão, que suscitarão na criança o sentimento de reciprocidade e ao mesmo tempo incitando o seu potencial de desenvolvimento moral e intelectual. Além disso, procura estabelecer a relação que desenvolve conjuntamente o tríplice aspecto: intelectual, moral e profissional, os quais formam a plenitude do indivíduo enquanto ser autônomo. A presente pesquisa utilizou o método exploratório e envolveu participantes do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, a coordenadora da Associação Pestalozzi e duas professoras. Os resultados indicam que os participantes desconhecem o trabalho que o Educador exerceu assim como sua contribuição para a educação. A conclusão do trabalho assinala que muitas das idéias e princípios utilizados por Pestalozzi encontram-se presentes nas práticas atuais de ensino, contudo enriquecidas pelas contribuições de teóricos renomados na construção do pensamento pedagógico.

Palavras-chave: Metodologia de Ensino, Método intuitivo de Pestalozzi, Amor, Desenvolvimento autônomo.

ARAÚJO, Natália Costa. **A presença do Educador Pestalozzi na Educação.** Brasília – DF. Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2011.

ABSTRACT

During the Eighteenth Century, in Switzerland, Johann Heinrich Pestalozzi, became acknowledged for his research and experiments on the process of Teaching, breaking off from the traditional teaching methods. His Innovations go all the way to a field known as the Intuitive Method, which acknowledges the child as an active subject in the learning process. And so, the method proposes by a means of direct contact with objects, their improved abstraction, in order to reach real knowledge, going always from somewhere known to the unknown. Another component present in the educator's approach is the element of love, taken as essential educational practice, especially the one originated from the mother, taking her role as the child's first educator and then their first teachers, for the blooming of the potentialities will emerge by means of the educational practice performed by the educator in order to provide a positive spiritual feeling, expressed in the form of benevolence, enthusiasm and comprehension, that will raise in the child the feeling of reciprocity and at the same time inciting their potential of moral and intellectual development. And more than that, it seeks to establish a relation that develops simultaneously the triple aspect: intellectual, moral, and professional, which establishes the person as an autonomous being at its best. This current research has utilized an exploratory method and involved students of the Pedagogic course in the University of Brasilia, the coordinator of the Pestalozzi Association and two course teachers. The results indicate that the participants are unaware of the works from the Educator and his contributions for education. The conclusion of this paper points out that the many ideas and principles used by Pestalozzi can be found in present teaching practices, although enriched by the contributions of renowned theorists in the construction of pedagogical thought.

Key words: Teaching Methodology, Intuitive Method of Pestalozzi, Love, Autonomous Development.

SUMÁRIO

RESUMO.....	viii
ABSTRACT	ix
SUMÁRIO.....	x
APRESENTAÇÃO.....	12
MEMORIAL	13
INTRODUÇÃO	19
OBJETIVOS	21
CAPÍTULO I	22
VIDA E OBRA	22
CAPÍTULO II	32
REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	32
2.1 Principais conceitos e aplicações à Educação.....	32
2.2 Pestalozzi no Brasil.....	44
2.3 Pestalozzi e o Movimento Espírita	47
2.4 Pestalozzi: Educação para todos	48
CAPÍTULO III	49
METODOLOGIA	49
3.1 O Método	49
3.2 Os Participantes.....	49
3.3 Os Instrumentos.....	50
3.4 Procedimentos da coleta de dados	50
CAPÍTULO IV	52
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	52
4.1 Análise dos questionários aplicados aos estudantes.....	52
4.2 Análises da Entrevista realizada com a coordenadora	57
4.3 Análises da Entrevista realizada com os Professores.....	60

CAPÍTULO V	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	68
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICES.....	71

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida durante o período do segundo semestre de 2011 sendo destinada para a realização do trabalho final de conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. O mesmo está dividido em três momentos sendo: o primeiro um memorial, o segundo o trabalho monográfico e o terceiro abordando as perspectivas profissionais.

No primeiro momento, denominado memorial, são narrados os fatos que marcaram minha memória durante minha trajetória tanto na escola como também no curso de Pedagogia. Faço relações entre os acontecimentos vividos contribuindo para a formação de quem me tornei. Conteí com a ajuda da minha mãe para lembrar determinados fatos, entretanto minhas memórias foram as que tiveram o maior aprofundamento.

O segundo momento, designado como trabalho monográfico, tem por título “A presença do Educador Pestalozzi na Educação”, em que foi realizado primeiramente um estudo sobre a vida e a obra do referido autor, assim como o aprofundamento da metodologia utilizada pelo Educador durante sua atuação. A pesquisa baseou-se numa investigação por meio da compreensão que os estudantes do curso de Pedagogia e os atuais profissionais da área educacional possuem sobre o Educador. Na conclusão deste momento, encontra-se a análise dos dados da pesquisa e as considerações finais acerca do tema.

Por fim, o terceiro momento aborda de maneira sucinta as minhas expectativas profissionais após o término do curso de Pedagogia, ressaltando minhas pretensões futuras referentes ao mercado de trabalho e a continuação dos estudos na área de Educação.

MEMORIAL

Para começar essa história, a minha história, é necessário contextualizar os fatos. Conto com a ajuda de meus pais e irmãos relatar as experiências vividas. Minha mãe nasceu em Santana do Mato, interior do Rio Grande do Norte. Meu pai nasceu em Solânia, uma cidade da Paraíba. Almas conectadas mesmo com tamanha distância. Ali cresceram, sem ao menos imaginar as surpresas que a vida iria causar. Com o passar dos anos, os dois foram morar no Rio de Janeiro, onde se conheceram. Devido a morte de minha avó materna, minha mãe foi morar com uma tia, que se mudou para Brasília, logo depois de morar no Rio de Janeiro. Meus pais começaram a namorar por cartas. No desejo de viver aquele amor, meu pai pediu minha mãe em casamento, com apenas três meses de namoro. Logo se casaram e foram morar no Rio de Janeiro. Minha mãe estudava na Faculdade Sousa Marques o curso de formação de Professores e meu pai estudava matemática na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Em 1988 minha mãe decidiu ter o primeiro filho, Thiago. Por consequência, abandonou o curso que fazia, dedicando-se inteiramente ao meu irmão. Naquela época meu pai que não ganhava muito, passou a receber melhor. Dois anos depois minha mãe estava grávida novamente, eu estava a caminho. Ficaram indecisos quanto ao meu nome ser Thaís ou Natália. Confesso que prefiro a escolha que eles fizeram. Os próximos dois anos seriam decisivos para o caminho de nossas vidas. Minha mãe se sentia muito só naquela cidade sem seus familiares. Foi então que decidiu se mudar para Brasília. Meu pai pediu transferência e logo nos mudamos. Minha mãe vivia pra cuidar da gente. Lembro dos finais de tarde que descíamos para debaixo do prédio para brincarmos ao olhar cuidadoso e protetor da minha mãe. Ela também sempre buscou nos educar dentro dos princípios religiosos da Doutrina Espírita, e com isso frequentávamos na infância a evangelização e na adolescência a mocidade espírita.

Os primeiros dias na escola foram difíceis. Não conseguia aceitar ficar na sala de aula sem a presença da minha mãe, e por isso chorava muito. No começo minha mãe ficava comigo, me olhando e dizendo que não demoraria pra me buscar. Falava pra eu olhar para os outros coleguinhas e perceber que eles não estavam chorando e por isso não tinha motivo para eu chorar. Minha primeira escola se chamava Meu

Querido Pônei. Consigo me lembrar que o uniforme das meninas era rosa e dos meninos, azul. Tinha dois ponezinhos na estampa junto com um arco-íris. Nessa escola, estudamos dois anos e nos mudamos para um colégio de freiras chamado, Instituto de Serviço Social Pax. Minha mãe decidiu nos mudar de escola porque no antigo colégio só tinha jardim de infância e meu irmão já iria freqüentar as séries iniciais e ela não queria nos separar. O processo de adaptação na nova escola foi difícil na primeira semana, pois já tinha me acostumado com o outro ambiente. Minha mãe me contou, no momento eu que eu estava escrevendo este memorial, que ela me deixou seis meses em casa e, por isso, quando eu voltei para a nova escola, já não estava mais acostumada. Quando eu tinha cinco anos, deixei de ser a caçula. O terceiro e último filho nasceu, Lucas. Agora, eu já não era mais o bebê da casa e dividia a atenção com meu irmão mais novo. A verdade é que, com o tempo, eu quis parar de ser o bebê e ser a mãe dele, cuidando dele como se fosse meu.

Recordo-me de todas as minhas professoras a partir do Jardim III, quando tinha seis anos. A primeira foi a Josefa, que me ensinou a ler e a escrever as primeiras palavras. Andava sempre com os cabelos desgrelhados, saias longas e óculos. Não era muito carinhosa, mas também não era rigorosa. Minha segunda professora se chamava Jaqueline. Não consigo me lembrar ao certo o motivo, mas sei que não gostava dela. Lembro que ela gritava muito na sala e poucas vezes tinha paciência com a turma. Depois veio a professora Débora. Dela só tenho boas lembranças, era carinhosa, amiga e compreensiva. Para ela, eu até escrevia recadinhos. Na terceira série foi a Professora Rita. Por ela eu também tinha muito carinho, mas não se comparava com a outra professora.

A minha última professora nas séries iniciais foi a Professora Bil. Dela eu tinha tanto medo que não agüentava olhar diretamente em seus olhos. Era bem pequena, mas bem presente. Era rígida, falava sempre em tom alto, passava muitos deveres e cobrava que todos os alunos estivessem em dia com o mesmo. Todas as crianças falavam nos corredores o quanto tinha medo da Professora Bil. Recordo-me de um fato específico: a professora Bil tinha passado um dever de matemática e eu não tinha aprendido a matéria. Tentei fazer o dever sozinha e não consegui. Depois minha mãe me vendo chorar, tentou me ajudar a fazê-lo, mas eu ainda assim não entendia nada. No outro dia, minha mãe foi até minha sala e explicou à Professora Bil que eu estava com dificuldades na matéria, e por isso não tinha

conseguido realizar o dever. Fiquei de cabeça baixa apenas ouvindo o que falavam, nunca tinha sentido tanta vergonha na minha vida como naquele instante. Durante toda a aula a Professora vinha até minha carteira e perguntava se eu estava entendendo e eu apenas afirmava que sim, mesmo que ainda estivesse com dificuldades.

Nas séries iniciais sempre fui muito retraída durante as aulas, parecia que eu apenas estava cumprindo um papel, sem ao menos sentir vontade de estar na sala de aula. Nunca fui uma aluna exemplar. Sempre fiquei na minha, não conversava, não atrapalhava. Mas não fazia por medo de ser repreendida. No horário do recreio era a hora de me libertar. Há como era bom correr pelo pátio, brincar no parque de areia, fazer piquenique com as amigas! Nem parecia a mesma menina que ficava quieta em sala. Por dentro eu sempre quis ser quem eu realmente era, mas não conseguia transpor para fora. Apesar disso, sempre fui atenciosa nas aulas, fazia minhas tarefas e procurava sempre tirar boas notas. Não tinha um grupo de amigos fixo na escola, oras brincava com uns, ora com outras. As vezes notava que umas meninas não queriam brincar comigo, mas não me importava, eu ia brincar com outras pessoas ou até mesmo sozinha. Desde pequena já carregava traços que me definem até hoje.

Meu comportamento era dessa forma em sala de aula pela razão da postura autoritária que as professoras, muitas vezes, assumiam. Isso me inibia, retraía meus sentimentos, afetava minha aprendizagem. Quando cheguei à quinta série, senti algumas mudanças, principalmente na forma que os professores me tratavam. Agora não éramos mais crianças, estávamos no ensino fundamental e precisávamos amadurecer. Isso tudo me fascinava. Sempre me senti madura para a minha idade e enfim tinha chegado a hora de crescer realmente. Comecei a ter mais participação durante as aulas. Gostava quando professores conversavam comigo, me elogiavam. Eu me sentia segura, como se estivesse no caminho certo. O fato de ter vários professores também me agradava, pois eu via várias formas de aprender, pois nenhum professor era igual ao outro. Minha disciplina preferida era português. Tive a melhor professora que já conheci naqueles anos. Ela fazia competições de leituras entre meninos e meninas, e eu sempre queria participar. Nesse ano, meu irmão mais novo tinha acabado de entrar na nossa escola, e assim como eu, ele tinha muitas dificuldades de se adaptar em sala de aula. Então, várias vezes, as freiras

iam até minha sala me chamar para eu ficar com ele. Eu tentava distraí-lo andando pela escola, mostrando o parque, a casinha da árvore, até que ele quisesse voltar para sala.

No ano seguinte, minha família passou por algumas situações difíceis e devido a isso, tivemos que sair do colégio particular e estudar no colégio público. Apenas eu e meu irmão mais novo fomos para o colégio público, pois meu irmão mais velho tinha conseguido uma bolsa de estudo através de uma prova em outro colégio particular. O meu primeiro dia de aula foi estranho. Parecia que eu estava em outro mundo. Era tudo diferente da outra escola que eu já estava tão acostumada. As pessoas principalmente eram diferentes. Nesse ano, muitos fatores refletiram na minha personalidade e eu me tornei outra pessoa. Era o ano da rebeldia. Comecei a viver um conflito interno, ora eu era uma nova pessoa e em outras tentava ser quem eu era antes. Os professores não se importavam muito com os conteúdos, muito menos se nós realmente estávamos aprendendo. Daquele ano, não me lembro de ter aprendido nada, a não ser o que vivi fora da sala de aula. Resumo este ano escolar como um ano perdido.

Meus pais diante daquela situação não podiam deixar que assim permanecesse. Eu e meu irmão voltamos a estudar no colégio particular, já que também a situação financeira estava melhorando. A experiência da escola pública foi única, não sei se teria sido melhor se ela não tivesse existido, mas de certa forma contribuiu para formar a personalidade que tenho hoje. Nessa escola, estudei quatro anos, fiz amigos verdadeiros e tive as melhores influências de professores, os quais participavam de nossas vidas também como amigos. Tive um professor de literatura muito bom, que nos fazia refletir a vida em todos os contextos. Suas aulas eram filosóficas e isso me fazia viajar nos meus pensamentos. Através de sua influência comecei a cogitar a ideia de estudar psicologia ou filosofia. Lembro que quando eu era criança só pensava em ser veterinária, mas com o passar dos anos percebi que tinha mais medo de animal do que imaginava. Foi numa brincadeira no Centro Espírita que eu freqüentava que decidi mudar minha área, nessa época eu tinha 10 anos. Na brincadeira tínhamos que acusar ou defender um caso. Eu fiquei com a promotoria, e pensei que aquilo era o que eu mais queria na vida. Foi apenas no Ensino Médio, quando conheci esse professor que mudei totalmente minhas ideias. Eu era fascinada por um debate sobre a mente, comportamento, questões

filosóficas, enfim, eu precisava seguir minha vontade. Mas ainda assim eu não sabia exatamente qual era.

No meu último ano do Ensino Médio, eu e minha família mudamos de cidade e com isso mudamos de escola também. Logo, no último ano, eu tive que começar tudo de novo. O problema de adaptação já não existia mais. Pelo contrário, me considerava uma pessoa muito sociável, que conseguia fazer amigos com muita facilidade. Como já era o terceiro ano de todos naquela sala, todos os grupinhos já estavam formados, as famosas “panelinhas” cabia a mim entrar em uma delas. Porém, nenhuma fazia meu estilo, e isso eu conseguia perceber mesmo distante. Assim como eu, também haviam outras novatas e esse foi o primeiro motivo que nos aproximou.. Com o tempo nossa amizade ultrapassava os muros da escola. Todos pensavam que já nos conhecíamos antes disso, tamanha era a nossa afinidade. A verdade é que apesar de ser um colégio particular, seu ensino não era bom, e não havia preocupação com a preparação dos alunos para o vestibular. Minha mãe sempre disse para mim e para os meus irmãos, que apesar dela pagar colégio particular para a gente, não pagaria a faculdade, então era dever nosso passar na Universidade Pública. Meu irmão mais velho passou na UnB pelo PAS, no terceiro ano. Como eu era a próxima da fila, a pressão recaiu para que eu também passasse, não os desapontando.

O grande problema é que eu não estava me preparando para as provas no final do ano. Eu ficava me iludindo pensando que estudando para as provas da escola já era o suficiente. Surpresa! No final do ano, não passei no PAS. Aquilo caiu sobre minha cabeça como se uma casa tivesse desmoronado. Uma das maiores frustrações que vivi. Apenas depois com o amadurecimento pessoal, que pude perceber que realmente eu não estava preparada para assumir responsabilidades e entrar na Universidade. Quando o ensino médio acabou fiquei sem saber o que fazer. Todos os meus sonhos de estar estudando o curso que queria foram por água baixo. Entrei num cursinho preparatório, e ai sim comecei a me dedicar aos estudos. Foi quando optei pelo curso de pedagogia. A ideia de cursar esse curso era novidade, pois não se ouvia uma pessoa dizendo que realmente queria fazer pedagogia. Pelo contrário, acabava escutando “ah, se não der certo eu faço pedagogia”. O meu desejo cursando este, não era a docência nas séries iniciais, o que mais me encantava era a área por sua completude: a educação.

O semestre no cursinho foi uma experiência diferente. Naquele ambiente não havia cobranças dos estudos por parte dos professores. Todos ali já estavam buscando mudar seu próprio futuro. Os professores se importavam apenas de passar o conteúdo. Eu acompanhava com atenção. Observava os comportamentos dos outros e o meu também. Dedique-me a estudar superando todas minhas dificuldades oriundas de uma má formação escolar. Tudo caminhava como deveria e logo veio o resultado esperado. Passei!

O primeiro passo na minha longa caminhada foi galgado. O curso era infinitamente surpreendente. Professores interessantes, vivências diferenciadas, construção de saberes, sentimentos envolvidos. Era tudo novo. A vida na Universidade me fascinava, me dava liberdade. Sentia no ar um aroma diferenciado. Nunca conseguia imaginar o longo e surpreendente dia que viria. Aos professores e colegas agradeço por compartilharem e favorecerem oportunidades de momentos tão significativos para minha formação. A esta formação atribuo caráter profissional e pessoal, pois este curso é uma experiência única para a vida. A todo instante percebia o quanto precisamos dos outros para viver.

As etapas da minha vida sempre foram muito bem definidas, esta não seria diferente. A Natália que entrou no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília no segundo semestre de 2008, não é a mesma que se forma no presente curso no ano de 2011. No decorrer de todo esse processo de ensino aprendi favoravelmente a quebrar paradigmas do que buscar entendê-los e perpetuá-los. É complicado descrever nossa personalidade, nossas características, pois percebemos o quanto tentamos nos definir sem ao menos nos conhecer a fundo verdadeiramente. A todo tempo mudamos e é assim que eu decido ser, a todo tempo uma nova pessoa.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade abordar os conceitos propostos pelo Educador Johann Heinrich Pestalozzi no que discerne as contribuições oferecidas à educação visto que, algumas destas estão presentes nas práticas de ensino atualmente. Compreende-se que as teorias educacionais são gradualmente formuladas, não sendo originadas de uma hora para outra como se não houvesse um princípio. Dessa forma o presente trabalho visa contribuir para esta análise, em que entende-se que Pestalozzi foi um dos pontos de partida para determinadas concepções, e que suas experiências serviram de base para estudos posteriores.

Visto a relevância em se estudar nos cursos de Pedagogia os pioneiros da educação, compreendendo-os como essenciais no processo da formação de teorias educacionais é que este trabalho ressalta a contribuição do Educador Pestalozzi para a educação. Nos currículos dos cursos de formação de professores é dado ênfase a diversas outras áreas do conhecimento ocasionando um esquecimento nos fundamentos que deram origem a importantes concepções.

Especificamente nestes cursos, muito se estuda sobre Piaget e Vygotsky no que se relaciona ao desenvolvimento da criança, entretanto estas concepções foram mencionadas anteriormente por outros educadores que fizeram parte da história da educação. O fato de estarem mais recentes induz a acreditar que tais pressupostos são inovadores, pelo contrário foram resgatados por estes e por sua vez aprimorados através de estudos aprofundados.

O Educador Pestalozzi contribui até hoje com seus princípios, pois enfatizou o sentimento de amor como necessário as práticas pedagógicas. O que acarreta na reflexão sobre a situação que se encontra as práticas atuais. Estarão essas, envolvidas pelo sentimento de amor? Percebe-se que, principalmente além de não envolverem-se neste sentimento, certas vezes este elemento sequer é mencionado em sala. O professor deve possuir em seu íntimo, o sentimento de acolhimento, de reconhecimento das necessidades do próximo e educá-lo, sobretudo para a vida, para a cidadania. Diante disso afirma Lopes (1981, p. 78) “Não é o amor a lei fundamental da família? Assim deve ser também na escola. O amor deve presidir todas as relações entre professor e aluno”.

O fato é que na atualidade para o profissional ser caracterizado como “bom”, ele deve retirar seu sentimento, ser objetivo em sua contribuição. Sua tarefa é repassar conhecimento, na compreensão do ensino conteudista tradicional, em que visa à apreensão dos conhecimentos científicos. Portanto o ensino do amor, dos valores morais, estão longe de ser tarefa da escola.

Compreender a criança como ser que ainda caminha para o seu desenvolvimento é pensar em dar-lhe as condições necessárias para seu pleno desenvolvimento. Portanto Pestalozzi buscou atribuir a esta formação o caráter intelectual, moral e profissional, em que o desenvolvimento harmonioso entre os mesmos oferecem o suporte para a autonomia do indivíduo. Nas palavras do educador

É verdade que em minhas relações com eles nunca lhes falei em liberdade ou igualdade, em vez disso estimei-os o quanto possível a sentir-se livres e descontraídos na minha presença. Resultou daí que eu podia observar, dia a dia, maior franqueza no seu olhar, sinal evidente, segundo minha experiência, de uma educação realmente liberal. (Pestalozzi 1799 Apud LOPES 1981, p. 67).

Dessa forma, o Educador propõe ao ensino o método de educar cultivando os valores sem falar neles, para que o discurso não seja teórico, mas sim prático. A educação moral pretendida visa educar o ser, em suas atitudes e comportamentos, procurando estabelecer o sentimento de respeito algo comum as relações entre todas as pessoas.

Por fim, é importante ressaltar a necessidade de haver discussões a respeito dos educadores que fizeram e ainda fazem valer a crença na educação verdadeiramente dita, entendendo-a como um processo contínuo destinado a todos e de suma importância para a formação integral do ser humano. As práticas de ensino atuais precisam ser revisadas, sobretudo devem estar ancoradas nos fundamentos propostos por outros que visam à plenitude humana.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Analisar a abordagem de Johann Heinrich Pestalozzi na educação.

Objetivos Específicos:

- Identificar e analisar a metodologia utilizada na Associação Pestalozzi de Brasília;
- Identificar e analisar as contribuições de Pestalozzi na percepção dos professores;
- Identificar e analisar as contribuições de Pestalozzi na percepção dos futuros profissionais em Pedagogia;

CAPÍTULO I

VIDA E OBRA

As informações sobre a vida e obra de Johann Heinrich Pestalozzi foram retiradas dos seguintes documentos: LOPES, J. L. Pestalozzi e a Educação contemporânea. Duque de Caxias, 1981; e INCONTRI, D. Pestalozzi: Educação e Ética. São Paulo, 1997. No presente texto segue-se a ordem apresentada por Lopes (1981).

Johann Heinrich Pestalozzi nasceu em Zurique, Suíça, no ano de 1746. Naquele tempo, tanto na Suíça quanto em outros países da Europa, as crianças eram obrigadas a trabalhar, chegando a uma jornada de dez a doze horas por dia. Não se cuidava da educação delas. Movido pela inconformidade da situação, Pestalozzi mostrou desde cedo seu nobre espírito na busca pela educação popular.

Um acontecimento marca a infância de Pestalozzi. Era novembro de 1755 e toda a cidade estava calma. Na escola em que Pestalozzi estudava as atividades ocorriam como de costume. De repente, objetos e móveis começaram a ganhar movimentos e foi se tornando cada vez mais forte. As paredes e o teto começaram a vir abaixo. O pânico tomou conta da situação e as pessoas se precipitavam umas sob as outras na euforia de escaparem da morte. Era um grande tremor de terra, mas que naquele lugar não tinha feito vítimas.

Passado a turbulência do momento, cada um tinha receio de voltar à sala de aula para tomar conta de seus materiais. Um menino de nove anos, do qual todos zombavam pelo seu jeito tímido, foi quem se ofereceu para entrar na escola e ajudar a trazer os objetos dos demais. Esse era Johann Heinrich Pestalozzi, apelidado pelos colegas como “Heinrich, o Esquisito da Terra dos Tolos”, devido a sua personalidade distraída, desajeitada, que não participava das brincadeiras dos outros colegas. Desde cedo já era um solitário.

O pai, Johann Baptist Pestalozzi era médico-cirurgião e faleceu quando Pestalozzi tinha seis anos, sem deixar recursos. Ele e os irmãos foram criados pela mãe, Susanne Hotz e pela governanta Magd Barbara Schmid, a “Babeli”, em meio a muitas dificuldades econômicas. Babeli sob juramento feito ao falecido patrão,

permaneceu na casa colaborando na educação das crianças e nas demais atividades sem cobrar nada, dedicando-se inteiramente aquela família.

As crianças logo ao voltarem da escola ou da igreja, aos domingos, eram obrigadas a trocarem de roupas para não estragarem a melhor que tinham. Pelo mesmo motivo, não podiam brincar com outras crianças. Esses elementos contribuíram para algumas idiossincrasias na personalidade de Pestalozzi, da razão dos seus fracassos no trato com as pessoas, assim como nas suas realizações práticas.

Na escola, Pestalozzi era desatento quando as lições não lhe interessavam. Entretanto, quando o assunto lhe era interessante, mostrava-se completamente diferente, prestando atenção e revelando a capacidade de aprender facilmente tirando boas notas. Aguardava sempre ansiosamente pelas férias, pois costumava visitar seu avô paterno, pastor em Hogg cerca de cinco quilômetros distante de Zurique.

Quando seu avô visitava as famílias, Pestalozzi gostava de acompanhá-lo. Nessas visitas, o avô lia para eles a Bíblia, fazendo comentários e orações. Nesse meio, Pestalozzi pôde conhecer a fundo a pobreza e a miséria, que aquele povo convivia aos quais eram submetidos a um trabalho pesado. Costumava dizer que quando crescesse tomaria partido dos camponeses, pois tinham os mesmos direitos dos demais cidadãos que habitavam as cidades. Movido pelo sentimento de compaixão, tomou a decisão de estudar teologia para seguir o ministério evangélico.

Quando cursava o ensino superior, se deparou com as leituras de Rousseau¹, que o influenciaram diretamente na desistência da carreira ministril, além do mais tinha realizado um sermão como teste, e não tinha se saído bem. Sobretudo, a razão principal foi o conhecimento da filosofia de Rousseau, pois percebeu que em outras atividades seu combate à injustiça e a busca pela melhoria de vida do povo ocorreriam com mais eficiência.

¹ Jean Jacques Rousseau (1712 – 1778) nasceu em Genebra, na Suíça. Dentre suas obras destaca-se: *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*, *Do contrato social*, *Emílio ou da Educação* (obra que influenciou o pensamento de Pestalozzi), *Os devaneios de um caminhante solitário*.

Em Paris, os livros *O Contrato Social* e *o Emílio*, foram condenados a fogueira, contudo isso não os baniu de serem abstraídos pelas mentes agitadas da época. Pestalozzi ao saber que Rousseau estava refugiado em Zurique, o procurou, entretanto já havia fugido para a Inglaterra. Mas a leitura do *Emílio* produziu profunda agitação em seu espírito, como alias acontecia a todos os que o liam. Isso o fez mudar para novos rumos. A grande contribuição que Rousseau o tinha deixado se traduz na palavra natureza. Essa encheu toda uma literatura e, sem ter necessidade de combater a filosofia da ilustração, criou ao seu lado uma nova filosofia, a do naturalismo. Pestalozzi compreendeu o apelo de Rousseau e voltou-se para a natureza, abandonou os estudos e dedicou-se a agricultura, sem jamais abandonar a ideia de promover o bem-estar das classes pobres.

Obteve também muita influência de seus professores, os quais fundaram a Sociedade Helvética, que tinha por finalidade a promoção entre o povo suíço os princípios de moralidade e justiça. Logo Pestalozzi tornou-se membro ativo da Sociedade, publicando artigos no *Jornal* criticando a situação do país e propondo reformas. Contudo, não era permitido que houvesse qualquer crítica a aristocracia dominante, mas elas apareciam disfarçadas. Neste período houve denúncias sobre o trabalho realizado alegando ultrapassagem dos limites. Com isso muitos foram perseguidos, outros presos, dentro eles Pestalozzi. Com o ocorrido, Pestalozzi passou a ser visto como perigoso e subversivo.

Após a morte do amigo Bluntschli, membro da Sociedade Helvética, Pestalozzi e Ana Schulthess se aproximaram, numa compreensão mútua que ocasionaria depois em casamento. Ana era alguns anos mais velha que Pestalozzi, era bonita e dotada de muita cultura e inteligência. Sua família era rica e com o noivado do casal em 1767, opôs-se fortemente pela origem pobre do rapaz. Em 1769 casam-se e mudam para uma terra que Pestalozzi havia comprado, tornando-se agricultor.

Em 1770 nasce seu único filho, Hans Jakob, uma tradução alemã de Jean Jacques, uma homenagem a Rousseau. No ano seguinte instala a Fazenda NeuhoF, a qual tinha muitas esperanças em obter bons resultados. Porém, as terras eram de má qualidade. Em meio há uma situação financeira complicada, recebe ajuda da mãe e da esposa, que empenhou sua parte da herança paterna. Pestalozzi ainda

tentou tornar a fazenda indústria de muitos produtos os quais poderia plantar, contudo obteve o fracasso em todas as tentativas pelo fato das terras serem inférteis.

Depois de muitos anos, Pestalozzi decidiu realizar na fazenda um desejo íntimo que sempre teve na educação do povo. Fez de sua casa um grande lar, abrigando os mais pobres, órfãos, deficientes, viciados e vagabundos. A todos tratava com muito amor e dedicação. Dava-lhes abrigo, vestimenta e alimentação, ocupando-os sempre com trabalho, que segundo Pestalozzi, renderia o suficiente para sua subsistência. O trabalho não apenas renderia sua independência econômica como também fortaleceria sua moral. Aprendiam lições de linguagem, escrita e cálculos, bem como o catecismo.

Pestalozzi se converteu em um pobre entre os pobres e se ocupou de fazê-los descobrir em sua própria condição os instrumentos de sua libertação, neste caso o salário industrial: como conseqüência do trabalho de fiação e tecelagem de algodão, que nos campos, proporcionava as famílias camponesas um meio de subsistência estável que nunca puderam obter da agricultura.

Por alguns anos conseguiu manter por conta própria a instituição. Mas em 1776 fez-se a necessidade de pedir auxílio para que as atividades pudessem continuar. Recebeu ajuda através de um apelo feito por um amigo em um Seminário. Com isso conseguiu elevar até 80 o número de jovens, mas com isso elevaram-se também as despesas e preocupações. No trato com tantos jovens, sempre buscou encorajá-los, orientá-los, educá-los, numa atitude paternal que despertava confiança e amor em cada um deles. Pestalozzi e a esposa Ana, trabalhavam incessante no intuito de promover a educação moral naquele instituto. Ana empenhou-se de corpo e alma, até que exauriu todas suas forças, que nunca mais conseguiu recuperar inteiramente.

Em meio às dificuldades advindas das despesas, as dívidas cresceram tanto que se tornou insustentável a continuação do instituto. Em 1780, os credores tomam o instituto, deixando para Pestalozzi apenas uma pequena área residencial que pudesse abrigar a família. Sem condições de cuidar da saúde de sua esposa, Ana vai morar na casa de uma amiga, separando-se fisicamente de Pestalozzi.

Neste mesmo ano, Pestalozzi publicou seu primeiro livro *Crepúsculos de um Eremita* uma coletânea de seus pensamentos. Nesta obra encontra-se o início do seu pensamento pedagógico que futuramente o abordaria em outras publicações. No ano seguinte publicou seu segundo livro *Leonardo e Gertrudes*, que retrata em forma de história suas concepções pedagógicas e as experiências obtidas no passado. O autor fez de *Leonardo e Gertrudes* os personagens principais do enredo. Sendo o primeiro, pedreiro e viciado em jogo e álcool ao qual era alimentado por Hummel, outro personagem. Gertrudes era a esposa ideal. Zelosa e dedicada na educação dos filhos.

Gertrudes ganha na trama um papel fundamental, pois torna o ideal de Pestalozzi concreto. Funda em sua própria casa, uma escola para seus filhos e os vizinhos mais próximos. Nesse sentido, ela tratava a todos como se fossem seus próprios filhos, os educando com amor. O trabalho era a atividade principal, pois também educava moralmente. O compromisso com a educação influencia toda a cidade de Bonal que posteriormente adotaria o modelo que Gertrudes fundou em sua casa como o modelo para a escola.

Pestalozzi exalta nesse livro a importância da mulher no processo educativo dos filhos como a função da família na sociedade. Para o pedagogo, a escola deve ser uma continuidade da família, em que o amor é a lei máxima. O livro recebe muito prestígio por toda a sociedade, tornando Pestalozzi bastante conhecido. Entretanto, o romance não obteve a objetivo proposto que era a finalidade educativa da obra. Os leitores se admiraram com a beleza literária da obra não a compreendendo com profundidade.

Os anos seguintes foram difíceis para Pestalozzi que tinha um espírito agitado para o trabalho. Tornou-se impaciente pelo trabalho educativo não aparecer. Portanto, teve que esperar quase 18 anos, desde a experiência de Neuhof para retomar suas tarefas. Nesse meio tempo, filiou-se ao Iluminismo que era uma sociedade secreta da maçonaria francesa com o objetivo de obter reformas sociais nas bases da justiça, prevalecendo a liberdade, igualdade e fraternidade entre os homens. Tornou-se representante do movimento na Suíça.

Com todos os ideais pelos quais Pestalozzi lutava, não poderia ficar alheio ao movimento revolucionário que estava por vir. A Grande Revolução não tardou a

explodir com a tomada da Bastilha em 14 de julho de 1789. Em 1792 recebeu o título de cidadão honorário da França, dado pelo governo revolucionário. Em 1797 publicou *Minhas indagações sobre a marcha da natureza no desenvolvimento da espécie humana*. No ano de 1798 explodiu a revolução Suíça, conduzida por Napoleão Bonaparte. Pestalozzi tornou-se redator do jornal *Folha Popular Helvética* e publicava com entusiasmo para o povo dar apoio ao novo governo que se instalara, pois o mesmo acabou com os privilégios da aristocracia e concedeu a igualdade entre os cidadãos.

Com a tragédia da revolução, algumas cidades foram massacradas ocasionando a orfandade de centenas de crianças, como foi o caso de Stans. Com a finalidade de dar assistência aos órfãos, o governo confiou a responsabilidade a Pestalozzi conduzir uma espécie de orfanato para educar tais crianças. Mesmo com as provocações advindas das experiências fracassadas do passado de Pestalozzi, o mesmo estava ansioso para dar continuidade as suas experiências educativas, já que não realizava nenhuma desde 1780 com a falência de Neuhof.

O governo Suíço providenciou a verba e a estrutura para abrigar o orfanato de Stans, nomeando Pestalozzi como Mestre-escola. Desenvolveu com as crianças as práticas de ensino que tanto escreveu em suas obras. Buscava a combinação das atividades educativas com o trabalho manual, tornava-se, assim, muito além do que um professor. O mestre contava apenas com uma velha servente, tendo todo o trabalho de educar as oitenta crianças sozinho. Passava com elas todo o dia e a noite atendendo todas as suas necessidades.

Devido a situações advindas da guerra, o edifício que abrigava o orfanato teve de ser devolvido para a instalação de um hospital de emergência. Pestalozzi encontrava-se exausto e com freqüentes acessos de tosses e hemoptises, e com isso teve de se refugiar nas montanhas em Gurnigel, a fim de recuperar suas forças. Antes do fechamento do orfanato, receberam uma visita do subprefeito da cidade, o qual prestigiou o trabalho do professor pela obtenção dos resultados significativos nas atividades educativas com as crianças em um curto espaço de tempo. A experiência de Stans durou cinco meses. Pestalozzi publicou *A Carta de Stans* um documento que explicava suas experiências vividas no orfanato, suscitando sua filosofia e metodologia.

No mesmo ano, Pestalozzi foi convidado a trabalhar em uma escola como auxiliar de Professor na cidade de Burgdorf. Naquele tempo, não havia qualificação para a carreira de professores. Essa era ocupada por aqueles já saturados de outros trabalhos, não tendo vínculo sequer com o magistério. O professor da escola, também sapateiro, não simpatizou com Pestalozzi, pelo fato de usar um método diferente do que praticavam, além de passar o tempo todo com os alunos. Desconfiado que Pestalozzi pudesse tomar-lhe o emprego, o Professor providenciou por meio dos pais dos alunos, o afastamento de Pestalozzi da escola.

Contudo, os amigos de Pestalozzi conseguiram uma nova vaga de professor em uma escola para crianças de uma camada superior. Com toda sua dedicação nas atividades, conseguiu notável progresso no desenvolvimento dos seus alunos. Com isso ganhou reconhecimento público através de uma visita da Comissão encarregada da inspeção escolar em Burgdorf, que publicou um relatório sob admiração diante dos magníficos resultados observados. Tornou-se conhecido graças ao êxito de sua ação pedagógica realçada no relatório redigido pela Comissão. Finalmente, Pestalozzi obteve a vitória que merecia.

Sua vida tomou novos rumos após seu reconhecimento. Demitiu-se da escola que trabalhava e associou-se a Krussi para a criação do Instituto de Burgdorf, destinado para o ensino primário, secundário, além de uma escola para formação de professores e outra para crianças pobres. O governo lhe cedeu o uso gratuito do Castelo de Burgdorf, pois que tinham interesse vivo na educação. Pestalozzi e Krussi dedicavam-se inteiramente a educação naquele Instituto. Levantavam antes das cinco horas da manhã, seguindo o dia inteiro até as nove da noite. Contaram com a dedicação e empenho de dois auxiliares Tobler e Buss, que muito contribuíram para o sucesso do Instituto.

Em 1801 Pestalozzi lançou seu famoso livro *Como Gertrudes ensina seus filhos*, obra que seria lembrada como sua principal. Apesar de a personagem Gertrudes aparecer no título, o livro não é um romance como *Leonardo e Gertrudes*. Trata-se de uma coletânea de quatorze cartas que por atrás do título esconde a personalidade do próprio Pestalozzi. Suas primeiras cartas abordam seus princípios pedagógicos que surgiram através das suas experiências. Nas cartas quatro a onze, contempla a educação intelectual. A de número doze refere-se à educação física e

as duas últimas destinam-se a educação moral e religiosa. Não obstante, as contradições e deficiências da obra foi um livro revolucionário que causou grande impacto nos meios educacionais no seu tempo.

Nesse mesmo ano, abateu-se muito pela morte de seu único filho, o qual lhe deixou apenas um neto. Viajou à Paris para comparecer a uma reunião que objetivava a deliberação sobre a constituição de uma forma de governo para a Suíça. Aproveitou da situação para conseguir adeptos ao seu método educacional, por entender que educação é o ponto de partida para tudo. Buscou relacionar-se com Napoleão o qual não lhe recebeu, demonstrando indiferença quanto à educação de seu povo. Decepcionado pelo fracasso em angariar adeptos, decidiu voltar para Burgdorf. Logo no seu retorno, exigiram a desocupação do Castelo que abrigava o Instituto, pois nele se instalaria o governo da cidade.

O Instituto foi transferido para o Castelo de Munchenbuchsee com o prazo de um ano. Negociaram a contratação de Fellenberg assumindo o controle administrativo, deixando para Pestalozzi a direção pedagógica. Ambos tinham pensamentos opostos e já não conseguiam conviver harmoniosamente. Fellenberg era contra uma das principais preocupações de Pestalozzi, a educação das crianças carentes. Afirmava que eles constituíam um peso em vez de dar lucro ao Instituto. A situação entre eles já se encontrava insustentável e logo vieram a se separar. Sendo assim, teve de mudar seu Instituto novamente de local, o transportando para Yverdon, que concedia melhores instalações e situava-se num Cantão de língua francesa, o que poderia facilitar a propagação de suas concepções pedagógicas.

O Instituto de Yverdon teve de esperar até 1805 para iniciar suas atividades, pois que com a proclamação de Napoleão como imperador da França, submetia toda a Europa ao seu domínio. O Instituto logo conseguiu tornar-se conhecido pelo nome de Pestalozzi, chegando a 200 alunos, o que tornava sua administração um tanto penosa para ele que não dotava de tais habilidades. Yverdon atingiu o apogeu de sua glória e recebeu visitas de pessoas vindas de toda a Europa. Com a diversidade cultural que ali estava se instalando, cada vez tornava-se mais difícil a administração.

Os portões do Instituto ficavam abertos. As crianças corriam e brincavam. Pestalozzi proibia qualquer espécie de castigo corporal, deixando a cargo do

desenvolvimento moral das crianças o seu comportamento. Dedicavam-se a trabalhos manuais, jogavam, nadavam, faziam excursões, enfim aproveitavam de muita liberdade no ensino. Ao ver de uma visitante, definiu o Instituto não como um colégio, mas como uma família, o que deixou Pestalozzi satisfeito, pois era um dos seus ideais no processo educacional. Era tratado pelos alunos como *O Pai Pestalozzi*. O pedagogo relacionava a moral diretamente com a religião, com isso tinham aulas de catecismo, assim como, em Burgdorf. Para os alunos protestantes, as aulas eram ministradas por um pastor e para os católicos elas ficavam a cargo de um sacerdote.

Infelizmente, nem tudo se encontrava ordeiramente no Instituto. Com o grande número de alunos de raças, línguas e costumes diferentes, não era possível a assimilação primordial do Instituto. As visitas de pessoas a fim de conhecer a excelência do novo método acabavam prejudicando o andamento regular das atividades. Com o número alto de alunos e funcionários, os desentendimentos começaram a surgir. Dava-se lugar ao egoísmo, a ambições e lutas pelas posições.

Dois membros do Instituto, Schmid e Niederer, desenvolveram papéis fundamentais no decorrer da história. Numa jogada estratégica que envolvia poder, Niederer utilizou de sua influência sob Pestalozzi para pedir a visita da Comissão para inspecionar e relatar as atividades do Instituto de Yverdon. Entretanto, Schmid opôs-se a ideia alegando que o mesmo não se encontrava nas condições apropriadas. Porém, a maioria venceu e a Comissão viria até o Instituto.

Já esperado, os resultados não foram tão agradáveis, o que fez que Niederer colocasse a culpa em Schmid, que amargurado deixou o Instituto, para grande tristeza de Pestalozzi. Em dezembro de 1815, Ana Schulthess faleceu deixando Pestalozzi profundamente desolado. O Instituto encontrava-se à beira da falência por não o conduzirem bem. Para salva-lo, chamaram de volta Schmid e o reintegraram na administração. Niederer retira-se do Instituto, recorrendo aos Tribunais para obter indenização, mas não consegue.

Todavia, graças ao trabalho de dedicação e capacidade administrativa de Schmid consegue grande número de matrícula, retomando aos poucos as atividades completas. Com a persistência em destruir o Instituto, Niederer consegue a expulsão de Schmid de Yverdon. Pestalozzi se encontrou sem condições de permear suas

atividades sem o companheiro e decidiu também deixar o Instituto em 2 de março de 1825.

Em 1826 publica seu último livro *Canto do Cisne*, uma obra que rememora sua vida e resume as ideias fundamentais de sua pedagogia. Com a notícia que receberia uma grande soma fruto das edições de seus livros, decide voltar a Neuhoof para construir um orfanato para crianças pobres. Esquecia-se que já se encontrava velho e aos 81 anos, com o esforço feito para revidar seus adversários sobre acusações feitas à sua pessoa e à sua obra, adoeceu gravemente, vindo a falecer em 17 de fevereiro de 1827. Compartilho da ideia com LOPES (1981) quando o mesmo diz que o que causa profunda admiração na vida desse homem extraordinário é a sua perseverança na realização de um ideal: ajudar os pobres pela educação.

CAPÍTULO II

REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 Principais conceitos e aplicações à Educação

O pensamento de Pestalozzi propunha inovações pedagógicas que envolviam o processo de aprendizagem aspirando à suprema plenitude do aluno. Defendia a educação como um processo natural que se fundamenta no desenvolvimento interno das crianças, entendendo-as boas por sua natureza com tendência natural para se desenvolverem. Assim como Rousseau, de quem obteve grandes influências, Pestalozzi concebia a educação como um processo que deve seguir a natureza e os princípios como da liberdade, da bondade inata do ser e da personalidade de cada criança.

Partindo de uma educação não-repressiva, Pestalozzi dedicou atenção ao ensino como propulsor das capacidades humanas, objetivando o desenvolvimento da autonomia, constituindo-a como sendo a melhor oportunidade que se pode apresentar à educação. Definia a criança como um organismo que se desenvolve segundo leis definidas e ordenadas e contém em si, todas as capacidades da natureza humana. Essas capacidades agregam um tríplice aspecto: mente, coração e mão, estreitamente ligadas entre si. Segundo Incontri (1997)

[...] para Pestalozzi, a organização exterior reflete a organização interna. Não há possibilidade de se fazer uma sociedade justa se não houver homens justos. Por isso, Todo o seu esforço, muito além de querer instruir ao povo, foi no sentido de moralizar o homem, de convocá-lo a tornar-se o que ele é potencialmente. E para isso, ao contrário da maioria absoluta dos pensadores, Pestalozzi não se satisfiz em semear ideias: tomou pelas mãos o próprio homem, ainda criança, para tentar conectá-lo consigo mesmo. (p. 24).

A abordagem de Pestalozzi trouxe significativas contribuições ao campo social, pois acreditava que a educação devia ser o principal meio das reformas sociais. Através de sua proposta pedagógica apoiou-se em sua tríplice concepção de desenvolvimento traduzido como– intelectual, moral e físico, que segundo ele, forma o alicerce da educação. Envolvido num sentimento de compaixão, dedicou-se ao exercício de suas ideias sob a intenção de transformar a educação. Assim sendo,

atendia as necessidades educacionais de todas as crianças, independente de suas condições sociais e/ou físicas.

Em sua obra *Minhas indagações*, Pestalozzi designa uma dialética que forma a teoria dos três estados (natural, social e moral). O primeiro estado, o natural, refere-se ao estado pré-social, pois que posteriormente marca a entrada do indivíduo num estado social. Define-se também como a zona irracional do ser, dos impulsos, que possui os desejos sensoriais e o impulso de sobrevivência. Sua manifestação é claramente visível na sociedade, principalmente quando envolve seus interesses pessoais. O estado social surge como consequência imediata do egoísmo, pois que o embate de vontades individuais ocasiona o desejo de uma ordem, que embora limite suas próprias manifestações, também garante a sua fruição tranqüila.

O conflito social existente decorre do embrutecimento do ser, enquanto configura-se como único, em que suas vontades devem ser satisfeitas a qualquer custo. Entretanto, a vida em sociedade expõe suas regras a fim de tomar o controle da situação. A demonstração do egoísmo nas práticas sociais é um reflexo de um sistema que propaga esse tipo de situação em suas gerações, em que não há sequer manifestações morais. O estado social se opõe ao estado natural, pois procura evitar todo o caráter irracional e individual, porém é por meio deste atrito que o sujeito caminha em direção como ser moral.

A divisão do sujeito entre animalidade e sociedade, irá desenvolver sua síntese na autonomia moral. O terceiro estado apresentado por Pestalozzi como o estado moral, é a resposta ao conflito existente, pois que se o estado natural expõe o sujeito como obra da natureza e o estado social como obra da sociedade, o estado moral por sua vez é aquele que desvenda o homem em si mesmo. É devido ao poder de se autoconstruir que o homem se releva ser, em sua profunda essência.

Esse estado moral é conquistado a partir de um movimento interno no indivíduo, pois a sociedade, ao impor-lhes deveres extrínsecos, não pode fazer dele um ser moral. Todo o dever oposto à natureza animal só pode ser um estímulo à hipocrisia e à imoralidade. A moralidade deve usar a força animal, ou antes a existência animal tem de estar engajada na condição moral. (INCONTRI, 1997, p. 65).

Somente quando o homem é capaz de reconhecer sua irracionalidade e da incapacidade dos meios externos lhe propiciarem a felicidade é que o sujeito pode

se lançar à plena autonomia. A autonomia moral decorrente do atrito entre os estados natural e social, é garantida por uma divindade essencial a qual deve se projetar numa transcendência. Tal posição é apresentada por Pestalozzi apoiando-se na presença de Deus no universo e pela imortalidade da alma. Por conseguinte sustenta que

o homem só pode se realizar como homem inteiro se conseguir a liberdade de não se escravizar aos instintos e a autonomia de transcender a moral social, e edificar-se na única moral verdadeira e possível: a moral que ele mesmo se dá, pois na base dessa autodeterminação permanece a fonte divina nele presente. (INCONTRI, 1997, p. 67).

As concepções pedagógicas de Pestalozzi sobressaem o foco educacional de ensino tradicional, desdobrando-se assim significativamente nos aspectos sociais, despertando na criança a consciência de sua natureza e o hábito de transpô-la em virtudes. Para que haja um pleno desenvolvimento das potencialidades humanas, é essencial que elas brotem e cresçam em equilíbrio, que o coração não sobreponha a mente, nem vice versa, e da mesma forma que a mão, ou seja, o aspecto físico não seja esquecido. É preciso contemplar todos os aspectos num mesmo fim, o desenvolvimento integral do homem.

O coração, retratando o aspecto moral do homem, foi um dos conceitos que Pestalozzi mais se preocupou em seu método, pois acreditava que o homem só seria capaz de desenvolver-se se conhecendo verdadeiramente. Portanto suas práticas pedagógicas eram imersas de amor, respeito e cultivo aos valores essenciais à formação do ser humano. Para ele, a educação moral não se consiste numa instrução ou na ilustração da moral, mas sim na convivência dos valores formados a partir de suas práticas e modos de agir coerentes.

Em suas próprias palavras, Pestalozzi afirma (apud Zanatta, 2005, p.170) “(...) a educação moral mais que ensinada, tem de ser vivida. A vida educa. (...) E o fim da educação moral não é outro que o aperfeiçoamento, o enobrecimento interior, a autonomia moral”. Complementando, ao narrar sua experiência Pestalozzi diz em sua *Carta de Stans* (apud Incontri 1997, p. 105) “eu despertava os sentimentos das virtudes antes que se fizessem os discursos sobre elas, pois considerava prejudicial tratar alguma coisa com as crianças enquanto elas não soubessem do que falavam”.

Pestalozzi utilizava em suas práticas o ensino mútuo, o qual o aluno aprendia e ensinava - ensinava e aprendia, até então apenas abordado em Stans e posteriormente aplicado em Yverdon. O método consistia em desenvolver as habilidades pedagógicas de cada aluno, as quais possuíam em seu ser. Dessa forma, o ensino mútuo estimulava a colaboração, em vez da competição. Também adotava, neste modelo de ensino, a ausência de notas e castigos que poderiam suscitar nas crianças qualquer possibilidade de disputa. A cooperação geral é característica peculiar deste ensino, o qual propicia essencialmente a relação aluno-aluno.

Pestalozzi sempre relacionou religião à moral, propondo-a como ponto de sintonia com Deus e à sua interioridade divina. A religiosidade irá nortear os caminhos que melhor definiriam as ações humanas. Entretanto, o mesmo atenta para as diferentes formas de religiosidades, pois nem todas promovem o encontro do homem consigo mesmo. Dessa forma,

no estado natural, o que impera é a superstição, a magia, o erro. A religiosidade que procede da animalidade é o instinto do medo e, ao mesmo tempo, o desejo de sujeitar a natureza. No estado social, a religião é institucional, é poder, hipocrisia, servidora das relações sociais (INCONTRI, 1997, p. 71).

O que Pestalozzi contrapôs, nesse sentido, na época, foi a disputa que o Clero organizava numa busca pelo poder, manipulando o povo em detrimento de seus interesses.

Em suas práticas pedagógicas, Pestalozzi buscava acrescentar o elemento amor como fator comum. Trazia as concepções de que a sala de aula deveria ser como uma grande família. Entendia, sobretudo que toda mãe é a primeira educadora e instrutora de seu filho, e que o modelo maternal deveria ser presente nas aulas como um modelo para todos aqueles que desejassem educar as crianças. Afirmava ele, ser tarefa dos educadores buscarem não apenas um método bom para seguir, mas sim os melhores métodos para desempenharem suas práticas.

Tanto na escola, quanto na família, a lei soberana é o cultivo ao amor. Deste modo, apenas quando a criança encontra ou na mãe ou no educador, o espelho que reflete verdadeiramente a sua imagem, identificando uma força propulsora de aperfeiçoamento que consolida através do seu vínculo afetivo, é que seu

desenvolvimento ocorrerá equilibrado e seguro. Por isso, sempre enfatiza o desenvolvimento harmonioso das capacidades, assim preocupa-se em que as forças ocultas da natureza humana se desabrochem, em outras palavras, deve desenvolver o seu ser. Pestalozzi assinala que o melhor é ser do que simplesmente conhecer, porém entende que não devem estar separados. Aponta que a educação deve dar prioridade a ser, visto que, envolve a formação do caráter, a essência moral da personalidade.

O valor da família, segundo Pestalozzi é tão importante, que a compreendeu como a primeira escola para a formação do homem. Nessa escola deve-se sobressair o ensinamento das virtudes, ao ponto de preparar o homem moralmente para seguir sua vida pública e particular. Para tanto, promove-se o amparo da família por entendê-la como a primeira instituição formadora do ser humano. Sua proteção, para Lopes (1981, p.131) “é uma sábia medida política indispensável ao progresso da nação e à felicidade do povo”.

O que movia Pestalozzi em seus ideais era o amor. Seu desejo em conhecer a natureza humana, não se restringia aos estudos meramente cultuados e sim, a apropriação dos meios eficazes de educação para o alcance de seus objetivos. Propunha, sobretudo, mudar a sociedade ultrapassando o sentido social, político, envolvendo-o num impulso irreprimível em ajudar ao próximo. Segundo Incontri (1997) é que há uma empatia de sua parte com o ser humano: Pestalozzi o penetra com uma percepção que está além da apreensão racional, pois está embebida de simpatia e mesmo de reverência.

Em sua obra *Como Gertrudes ensina seus filhos*, Pestalozzi descreve o amor materno como o primeiro vínculo da criança com Deus, sendo o ponto de partida para a fé. Assim, a mãe é incumbida à tarefa de evangelizar seus filhos através de seus cuidados, demonstrando afeto, amor, representando-se como Providência Divina, criando os laços que possibilitará a confiança na existência de um Deus amoroso. Em *Leonardo e Gertrudes*, Pestalozzi descreve assim

a manifestação do amor é a salvação do mundo! Amor é o fio que liga o globo terrestre. Amor é o fio que liga Deus e o homem. Sem amor, o homem está sem Deus, e sem Deus e sem amor, o que é o homem? (...) Não é homem – é inumano o homem sem Deus e sem amor. (Pestalozzi, 1981, Apud INCONTRI, 1997, p. 92).

A educação prática, entendida como a mão do tríplice aspecto do método de Pestalozzi, refere-se ao aprender trabalhando, fazendo, utilizando-se de atividades manuais para o aprendizado. Dessa forma, preocupou-se em relacionar conhecimentos e atividades práticas em suas experiências educacionais. Nos Institutos que fundou durante sua vida, todos buscavam o trabalho como uma atividade além de econômica que lhe gerasse o sustento de seus estudos, uma forma de concretizar e aprofundar os conhecimentos apreendidos.

Atividades corporais como, a ginástica e outros exercícios físicos, constituíam atividades educativas no Instituto em Yverdon. Todavia, o educador buscava dar ênfase aos trabalhos manuais o qual ao mesmo tempo em que exercita o corpo fornecendo saúde, prepara o aluno para o exercício de uma profissão que tem como resultado o desenvolvimento moral e o ajustamento econômico na sociedade. O mesmo acreditava que nada contribui mais para a educação do homem que o trabalho, sendo o maior educador para si próprio.

Diante da situação de transição que se encontrava a Suíça, por consequência do desenvolvimento das indústrias, a população campesina que trabalhava nas lavouras foi diretamente afetada, tornando-se cada vez mais pobre. Grande era a quantidade de crianças que viviam da mendicância. Tocado pelo nobre sentimento que embalava seu coração, Pestalozzi sofria ao presenciar os sofrimentos dos demais. Deste modo, concluiu que aquelas crianças poderiam se libertar da miséria mediante a educação, mas não a educação puramente livresca e sim uma educação vinculada ao trabalho.

Segundo Lopes (1981, p.123) “não só isso, mas o trabalho regenera o homem, enobrecendo-lhe o caráter, o que é de grande significação em educação”. Dessa forma, Pestalozzi concretizou suas ideias fundando suas instituições as quais sem descuidar das letras, procurava desenvolver em cada um a capacidade de trabalhar e, portanto sustentar-se economicamente. O trabalho além de favorecer o desenvolvimento intelectual e moral, comprova sua necessidade num mundo onde as regras são claras e a disputa é grandiosa, assim a ociosidade mostra sua face sujeitando ao indivíduo viver a margem da sociedade.

A educação intelectual resulta fundamentalmente da relação existente entre homem-natureza. A partir desse diálogo, são criados mecanismos que o indivíduo

recebe da natureza e o transforma em conceitos claros e objetivos. A este fator, dar-se o nome de percepção², compreendendo como meio essencial da educação intelectual (Zanatta, 2005). Para Pestalozzi, é preciso criar um amplo caminho guiado por experiências, observações, vivências, que resultarão na percepção do sujeito.

Em contraposição ao modelo de ensino que apenas preocupa-se com a transmissão de conteúdos, Pestalozzi propôs um novo modelo de ensino que impulsiona o desenvolvimento das forças do indivíduo. Comparou a educação com o crescimento de uma planta, em que o embrião que existe na semente, desenvolve-se lentamente, dando origem ao tronco, posteriormente aos ramos, folhas até que à árvore completa. Igualmente se desenvolve as forças presentes no espírito da criança até o homem completo. Ao educador compete à missão de acompanhar cuidadosamente e ajudá-la em seu curso, semelhante ao papel de um jardineiro que cultiva suas plantas.

No que compete ao conceito de percepção, Pestalozzi complementou com duas faces: da percepção exterior e interior. A primeira está relacionada com a percepção sensorial, com a observação dos objetos a partir do sujeito, entendendo que a mera presença dos objetos assim como seu movimento influi em um contato direto com o sujeito. Contudo, trata-se de um processo lento, pois é preciso que o sujeito apodere-se, sinta, ouça, apalpe, perceba cada objeto com a calma e o vislumbre necessário, uma vez que este será seu contato inicial, partindo assim, sempre do mais próximo para o mais distante.

A percepção interior é a apreensão do sujeito por si próprio. Segundo Pestalozzi (Apud Incontri, 1997) o centro do seu ser, ela mesma (a criança) e o que está mais próximo dela, é o que lhe é trazido primeiro à consciência.

O caráter da percepção interior está nos planos sensorial, afetivo-moral e intelectual. Pondo em ação os sentidos físicos, naturalmente o sujeito toma consciência de seu corpo, de suas capacidades físicas; sendo amado e amando, tem acesso ao seu ser moral; e, representando as sensações físicas e os sentimentos da alma,

² A palavra usada por Pestalozzi “Anschauung” foi traduzida de inúmeras formas, entendendo-se como intuição, contemplação, experiência, entre outras. A opção adotada neste trabalho foi também abordada por Incontri (1997).

compreendendo-as, relacionando-as, comparando-as, vê-se como razão, inteligência. (INCONTRI, 1997, p. 102).

Nessa perspectiva percebe-se a preocupação que Pestalozzi sempre atentou em relacionar sua proposta de educação integral, focalizando que todas as potencialidades do ser humano deveriam desenvolver-se e caminhar harmoniosamente. Portanto, é preciso dialogar os aspectos internos e externos, partindo do micro para o macro, não necessariamente entendendo-os como mais ou menos relevantes, mas sim, como elementos precisos e capazes de desenvolver o ser humano em sua plenitude quando juntos prosseguirem.

Tais concepções exploradas por Pestalozzi, posteriormente seriam os fundamentos da Escola Ativa ou Escola Nova³, as quais tornam a criança como ativas, dinâmica e que passa a ser o centro do processo educacional. Neste sentido pode-se entender que Pestalozzi foi um dos pioneiros do movimento escolanovista, o qual valoriza mais o indivíduo, ou seja, a criança do que o conhecimento científico. Destarte, as atividades que se almeja neste método, quando sabiamente realizada, constituem formas de exercícios pelos quais se desenvolvem as capacidades da inteligência. O destaque que se faz para essa revolução é o rompimento em que a educação deixa de ser simples transmissor de conhecimento para se tornar o instrumento íntegro para o desenvolvimento de tais capacidades.

Pestalozzi denominou a linguagem como um processo cultural, que adquiriu destaque fundamental em sua pedagogia. Configura-se principalmente pela interação entre percepção e linguagem, entendendo esta como uma forma de organização da primeira. Sendo a percepção uma apreensão dos objetos externos, e ao mesmo tempo da interioridade do sujeito, a falta da linguagem causaria uma impossibilidade caso não conseguisse exprimir-se, de comunicar-se, transpor seu pensamento, suas objeções, análises, ou seja, não seria capaz de compartilhar o que lhe convém ao desenvolvimento intelectual.

O papel da linguagem, segundo Pestalozzi não se restringe a palavra, mas um conjunto de interações. Destaca-se em seu método a forma, o número e a

³ A Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino que trazia em seu bojo o desenvolvimento do aluno como um ser social capaz de refletir sobre as diversidades ao seu redor. No Brasil, suas ideias foram inseridas em 1882 por Rui Barbosa. O grande nome do movimento na América foi o filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952).

língua, como um processo completo de linguagens diferentes e possíveis, uma vez que a percepção pode se exprimir. Enquanto a percepção estaria num campo voltado ao individual, em que o sujeito tem a apreensão do mundo, a linguagem se representaria no campo coletivo e indispensável nesse processo. Mesmo que a linguagem seja adquirida através de processos culturais dada de fora para dentro, isto é, diferente da percepção que surge internamente, irá enraizar-se no sujeito desde que ancorada na percepção.

Consequentemente Pestalozzi procura evitar que a linguagem chegue até a criança como um instrumento desconstituído de sentido e significado para ela. Sendo assim presume que o conteúdo deva prescindir a linguagem, para que essa se torne consequência da percepção. Isso é possível quando a criança é colocada para interagir em seu meio, para que antes de se apropriar do abstrato, ela possa conhecer o concreto. Do mesmo pensamento compartilha Piaget⁴ (Apud Coll e Gillieron, 1987, p.33) quando diz que efetivamente só conhecemos um objeto atuando sobre este e o transformando (da mesma forma que o organismo só reage ao meio assimilando-o no sentido amplo do termo). Ainda que Piaget não seja escolanovista, sua contribuição relaciona-se com a de Pestalozzi, uma vez que este foi importante para os estudos realizados por Piaget posteriormente.

A concepção de Piaget, embora receba a denominação de construtivismo, não se difere muito da abordagem Pestalozziana, uma vez que ambos posicionam-se considerando o conhecimento humano, construído a partir da interação sujeito e meio (físico e social) externo, ou seja, a partir de constatações empíricas. Apesar de Pestalozzi não se aprofunda em alguns aspectos contemplados por Piaget, ambos possuem confluência no sentido que entendem a criança como ativa no processo de aprendizagem, devendo ser respeitada em seu desenvolvimento natural. Segundo Soëtard (2010) Pestalozzi considerava a educação como um processo que devia seguir a natureza, a liberdade, a bondade inata do ser humano.

A criança em Pestalozzi interage com o meio concreto através do contato direto com os objetos, desenvolvendo suas capacidades intelectuais para posteriormente compreender o abstrato, partindo do conhecido para o

⁴ Jean Piaget nasceu em Neuchâtel, Suíça em 1896. Suas teorias buscam explicar o desenvolvimento da inteligência humana.

desconhecido. Dessa forma, antes que lhe apresente os conceitos dos objetos, ela precisa interagir com o mesmo, entendendo suas particularidades e funcionalidades. Nas palavras de Pestalozzi (apud Incontri, 1997) que “a criança tenha em si mesma a consciência clara do objeto de que quer falar”. Neste processo, a percepção estimula a linguagem, que deixa de ser ilustrativa em sua cabeça e passa a ser compreendida a partir da apropriação.

Visto que os estímulos externos possuem significativa importância, torna-se evidente o envolvimento do meio ambiente na educação, entendendo a frase quando Pestalozzi disse: “A vida educa”. Busca-se com este processo, que a criança se acostume a fazer, investigar, agir, não dizer a criança aquilo que ela pode descobrir por si própria, influenciando com isso na sua capacidade de refletir sobre algo que ainda é desconhecido. Seguir a ordem natural de seu desenvolvimento, apontar a mente e o particular ao geral, favorecendo as capacidades de percepção e observação, mais do que a pura aquisição de conhecimentos.

Não obstante ao pensamento compartilhado por Piaget e Pestalozzi, Vygotsky⁵ contribui através de sua abordagem sócio-histórica dizendo que

a prática mostra também que o ensino direto de conceitos é impossível e infrutífero. Um professor que tenta fazer isso geralmente não obtém qualquer resultado, exceto o verbalismo vazio, uma repetição de palavras pela criança, semelhante à de um papagaio, que simula um conhecimento dos conceitos correspondentes, mas que na realidade oculta um vácuo. (VYGOTSKY, 2005, p. 104).

Segundo Coll e Gillieron (1987) tratando a abordagem de Piaget, sustentam que a ação é ao mesmo tempo o instrumento através do qual o organismo humano entra em contato com os objetos externos e pode decididamente conhecê-los. Da mesma forma pensou Pestalozzi a percepção sensorial como um processo ativo, fundamental para todo o conhecimento. Essa percepção surgiria nas primeiras experiências de aprendizagem com os objetos precedendo as gravuras, que apareceriam mais tarde com a função de apoio na transição para o desenho, a escrita e a leitura.

⁵ Lev Semenovitch Vygotsky nasceu na cidade de Orsha, próxima a Minsk, capital de Bielarus, país da hoje extinta União Soviética, em 17 de novembro de 1896. Na educação contribuiu com sua abordagem sócio-histórica, a qual postula o desenvolvimento intelectual das crianças por meio de suas interações sociais e condições de vida.

Pestalozzi sustenta que a aquisição da linguagem agrega uma relação íntima entre significado e objeto e por consequência uma apreensão lenta e gradual das palavras. Como resultado, obtém uma formação integral, com as capacidades afloradas, observação precisa capaz de perceber o que lhe cerca assim como ele próprio. Partindo dessa premissa, Pestalozzi defende o homem bem formado como aquele competente para falar daquilo que realmente conhece, que vivenciou, observou. Ao contrário refuta

a linguagem sem percepção forma tagarelas sem cabeça, que se fazem capazes de falar de coisas que seus olhos não viram, que seus ouvidos não ouviram e que menos ainda saíram de seu coração, como se as tivesse visto com os olhos, escutado com os ouvidos ou carregado no coração do jeito que a mãe carrega o filho. (Apud INCONTRI, 1997, p. 111).

Identifica-se dessa forma o caráter moral na proposta pedagógica de Pestalozzi, uma vez que, buscava através de suas experiências, contemplar o que julgava importante à formação do ser. Preocupava-se com os aspectos sociais, culturais, morais, essenciais no processo de aprendizagem. Assim o conhecimento unicamente palavroso pode acarretar em prejuízos à formação do indivíduo quando não caminhar juntamente com os demais elementos. Aquele que julga o que não sabe e mesmo assim o defende, possui um falso conhecimento a respeito das coisas. Para este, sua compreensão é verdadeira e está acima de tudo. Esse falso conhecimento é um motivo de desvio moral, pois envaidece o homem que julga receber méritos por algo que não possui.

A fim de caminhar numa direção contrária, Pestalozzi propõe antes de tudo, o ensino moral, pois este é capaz de promover no homem seu caráter íntegro. Exatamente por isso que Pestalozzi pretendia suscitar através do amor que doava para as crianças, das práticas morais que estimulava e das percepções que proporciona a refletirem sobre si mesmas, antes de iniciar o ensino puramente conceitual.

A linguagem também apresenta outra grande importância na formação moral do ser humano, o diálogo. Pestalozzi buscou sempre manter um vínculo afetivo, de diálogo aberto, compreensivo, que envolvia respeito e amor com suas crianças. A prática desses sentimentos era recíproca em seus Institutos e dessa forma conseguia despertar em cada um o sentido da vivência da prática moral. Buscava

envolve-los nas decisões pertinentes ao ambiente, aos estudos, a questões da vida social, assim instigava-lhes o raciocínio, despertando seus sentimentos de amor e justiça. Seu propósito era aflorar os sentimentos que cada um possuía, fazendo com que conceitos de bondade, fraternidade, solidariedade, fizessem parte de sua formação.

É atribuída a Pestalozzi a primeira tentativa de estabelecer o ensino de geografia com base na percepção, conhecido como o método intuitivo. Por meio da relação homem-natureza, caminhando do concreto para o abstrato, o conhecimento é trabalhado através do contato com o meio, da experiência, da observação, das análises. Com isso Pestalozzi valorizava a excursão à campo, como pressuposto essencial para o estudo.

Em suas práticas pedagógicas atentou-se aos aspectos que envolvia a criança em todo o processo de aprendizagem. Assim ela via, sentia, interagia, antes que o conceito abstrato lhe fosse entregue. As atividades eram realizadas de modo livre, viva, deixando a cargo do professor, buscar esses materiais no próprio meio que rodeia o aluno, colocando-o numa situação real. De tal modo Pestalozzi conclui (Apud Lopes 1981, p. 128) “a instrução mediante rígidos exercícios coercitivos não é método natural. Teria como resultado uma unilateralidade prejudicial à percepção da verdade”.

O conhecimento de geografia que até então limitava-se a memorização de cartas, símbolos, regiões, tornou-se próximo a realidade de cada aluno, despertando acima de tudo o sentido de pertencimento, localização, capacidade de orientar-se, compreensão da natureza, entre outros.

Ele inaugurou o ensino da geografia local, estabelecendo como ponto de partida o pequeno mundo da criança para o estudo dos fenômenos geográficos por círculos concêntricos em que primeiro se apresentava ao aluno o “próximo” ou concreto, para em seguida tratar das áreas distantes. (ZANATTA, 2005, p. 172).

Pestalozzi dispensou em suas práticas o uso de mapas, livros, esquemas, para o ensino de geografia, por tornar-se distante da criança. Para ele, o desenvolvimento do conhecimento dava-se por meio das atividades comuns da vida, aprendia com o que estava presente, a natureza viva. Destarte, tornava as relações possíveis e passíveis de observar, apropriar, experimentar, conhecer, aprendendo

no livro da natureza. A compreensão partia deste contato da realidade do mundo, acarretando em novos significados que assumiam a dimensão do espaço local.

2.2 Pestalozzi no Brasil

O método intuitivo e as ideias de Pestalozzi difundiram-se por toda a Europa, por apresentar um estilo de ensino que procurava evitar o acúmulo de informações desnecessárias. Nos Estados Unidos as práticas do método intuitivo instalaram-se em 1860 com publicação da obra *Primary object lessons for a graduated course of development* de Calkins. No Brasil, as ideias de Pestalozzi foram encorpadas no manual de Calkins, que recebeu tradução e adaptação para o português feito por Rui Barbosa⁶, em 1880. O manual foi denominado como *Primeiras lições de coisas*, o qual “foi aprovado pelo governo imperial como livro texto na formação de professores e publicado em 1886”. (ZANATTA, 2005, p. 174).

Dentre os intelectuais da época, Rui Barbosa destacava-se por defender uma “Reforma Geral no Ensino”, na intenção de reverter a situação precária que se encontrava o ensino no Brasil. Inspirados nas ideias educacionais européias, propunha uma didática mais coerente a um ensino objetivo, eficiente, inovador, criativo, o qual considerasse a realidade e a natureza viva do aluno. Assim utilizou-se dos objetivos do método intuitivo de Pestalozzi, por seu caráter objetivo e ativo, enfatizando o papel da investigação, da experimentação, da observação, como parte do processo de aprendizagem. Para ele, esse método deveria presidir o ensino de todas as matérias, pois entende que por intermédio da intuição real, não por exposições verbais que o ensino deve iniciar.

O objetivo de Rui Barbosa não era trazer apenas a contribuição de um formulário de lições de coisas, mas documentar uma nova orientação pedagógica desenvolvida nos países mais adiantados e colocar, pela primeira vez, os mestres brasileiros em contato com as ideias pestalozzianas. (ZANNATA, 2005 p. 177).

No Brasil, as ideias pedagógicas de Pestalozzi difundidas por Rui Barbosa, demarcam a pedagogia tradicional, nomeada pedagogia intuitiva. Dentre suas características, destaca-se oferecer dados sensíveis à percepção e observação dos

⁶ Rui Barbosa (1849-1923) foi um dos intelectuais mais brilhantes de seu tempo. Suas ideias influenciaram o campo social, político, econômico e educacional, propondo significativas mudanças para estes segmentos.

alunos. Para Pestalozzi, segundo Soëtard (2010, p. 38) “os sentidos foram considerados porta de entrada de todo o conhecimento”. Rompe-se dessa forma, como todo o ensino baseado no verbalismo intelectual ainda predominante em muitas práticas educacionais. Rui Barbosa assinala da seguinte maneira a prática do ensino intuitivo:

Educar a vista, o ouvido, o olfato; habituar os sentidos a se exercerem naturalmente sem esforço e com eficácia; ensiná-los a apreenderem os fenômenos que se passam ao redor de nós, a fixarem na mente a imagem exata das coisas, a noção precisa dos fatos, eis a primeira missão da escola, e, entretanto, a mais completamente desprezada na economia dos processos rudimentares que vigoram em nosso país. (apud ZANATTA, 2005, p. 176-177).

O ensino intuitivo propicia ao aluno uma relação íntima, de construção do conhecimento a partir do concreto, do real. Entretanto a principal crítica que se faz a esse método é quanto à posição passiva do aluno no processo de assimilação do conhecimento, uma vez que nem sempre há a possibilidade de experimentar a tudo. Sem que existam generalizações deste método, o qual se deve atentar a sua essência, é preciso entender suas limitações. Pestalozzi buscava ao máximo tornar a criança ativa no seu próprio processo de aprendizagem. Assim partia dos lugares que cercavam seus alunos, tais como a sala de aula, a posição relativa das coisas, o pátio, a rua, o bairro, até chegar à construção do ambiente geográfico completo.

Deve-se apreender que o método proposto por Pestalozzi em sequer momento tornava a criança passiva, pois infringiria totalmente o que lhe movia pelo sentimento de educar. Não se pode esquecer de que a principal diretriz de Pestalozzi na educação é o desenvolvimento autônomo do sujeito, que não ocorreria sem a participação ativa no desenvolvimento de suas potencialidades. A crítica que se faz é válida para a metodologia utilizada atualmente em sala, que utiliza-se dessas razões para permear seu ensino livresco e verbal.

É tarefa do educador buscar no meio, na natureza que envolve o aluno, os materiais capazes de despertar sua curiosidade de aprender a partir de seu contato do conhecido para o desconhecido, a qual resultará na aquisição do pensamento lógico e abstrato. Nas raízes do método intuitivo, deve-se ensinar mais com a ajuda de objetos do que de palavras. Concomitantemente o estímulo da curiosidade, provocada através do auxílio de outros, levam ao hábito de pensar, analisar, abstrair.

De tal modo, Pestalozzi, (apud Zanatta, 2005, p.171) com muita propriedade aborda o princípio da curiosidade infantil como base para a intervenção do professor, ressaltando sua consciência didática: “O mestre (...) deveria antes de tudo procurar suscitar e manter vivo o interesse pela aprendizagem. A falta de diligência nas crianças depende sempre da falta de interesse e esta, por sua vez, depende do método de ensino adotado pelo mestre”.

No ano 1929, o Brasil recebeu a psicóloga e educadora russa Helena Antipoff, que trabalhava até então no Instituto Jean-Jacques Rousseau, localizado em Genebra. A convite do governo de Minas Gerais, veio ao Brasil para dar aulas na Escola de Aperfeiçoamento para Professores. Era uma grande admiradora de Pestalozzi. Sua intenção era apenas passar dois anos como assinado no contrato, mas acabou se enraizando no Brasil, onde pode desenvolver um intenso e inovador trabalho nas áreas da psicologia e da pedagogia.

Seu trabalho como psicóloga era de extrema importância, porém ela não se conteve a sua função específica de dar aulas e análises em laboratórios. O fato de não estar familiarizada com a língua e os costumes não conteve o espírito pestalozziano presente em si. Comoveu-se com a situação em que grande número de crianças encontravam-se abandonadas, carentes, muitas delas excepcionais (termo que ela própria lançou internacionalmente), outras infradotadas e superdotadas que viviam uma existência de miséria pelas ruas de Belo Horizonte. Lançou-se para cuidar e educar a todos que necessitavam fundando para isso, a Sociedade Pestalozzi em 1932, com auxílio de um grupo de professores, da qual se tornou presidente.

Devido ao impulso dado por Helena Antipoff, fundaram-se outras Sociedades Pestalozzi espalhadas por todo o Brasil, de acordo com Lopes (1981, p.149) “cujo número se eleva hoje a 38, conforme publicação da revista Pestalozzi que reproduzimos no Apêndice”. É importante salientar que devido à tamanha responsabilidade e colaboração que esses Institutos proporcionam, esse número deve ter aumentado nos últimos anos. Atualmente muitas sociedades e fundações que levam o nome de Pestalozzi, recebem principalmente crianças deficientes, que adotam as ideias de Pestalozzi em unir educação com atividades manuais, que desenvolvam as capacidades do ser humano. Todavia o Educador não explorou em

seus estudos especificamente da abordagem pedagógica para alunos com necessidades especiais, simplesmente abraçava a todos os que necessitavam sem restrições.

Em nenhum lugar, melhor do que nos internatos e, sobretudo nos asilos para crianças, absolutamente desprovidas de lar, os princípios e a prática da escola ativa devem ser implantados e cultivados. [...] Essa aptidão de compreender os outros, auxiliá-los com toda a generosidade é a pedra angular na educação das crianças dos orfanatos e asilos. Com a competência pedagógica e essa virtude, estamos seguros de que as crianças chegarão a se desenvolver harmoniosamente e a atingir a dignidade de uma personalidade humana útil à sociedade. (Apud INCONTRI, 1997, p.134).

Vê-se no trecho acima que assim como Pestalozzi, Antipoff também fincava seu alicerce pedagógico na relação afetiva, sobretudo com crianças órfãs. Buscou tornar essa relação possível na prática, assim como Pestalozzi, criando um ambiente educativo familiar na instituição que fundou. A Sociedade Pestalozzi, em 1940, adquiriu uma fazenda, dando início a uma importante experiência pedagógica, uma proposta um tanto quanto semelhante à realizada por Pestalozzi em Neuhof, que conciliava educação com atividades profissionais, imerso num ambiente ruralista preenchido pela atmosfera familiar.

2.3 Pestalozzi e o Movimento Espírita

As raízes do movimento espírita têm como representante pedagógico Pestalozzi, o qual recebeu homenagens e alguns estudos a seu respeito. Isso se deve pelo fato de que Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, codificador da Doutrina Espírita, estudou no Instituto de Yverdon, tornando-se durante trinta anos um dos maiores divulgadores do método pestalozziano na França. Com onze anos de idade, acompanhado de sua mãe, vai se formar na arte do ensino. Dentre as obras pedagógicas que Rivail escreveu, Incontri (1997, p.135) destaca “*Curso prático e teórico de aritmética segundo o método Pestalozzi e suas modificações, Plano para a melhoria da educação pública (1828), Gramática francesa clássica, Cálculo de cabeça, pelo método Pestalozzi*” e outros.

No campo teórico, vários artigos e publicações na revista espírita aproximavam Pestalozzi da Doutrina. Numa biografia escrita por Zêus Wantuil e

Francisco Thiesen sobre a vida de Kardec o primeiro volume de três possui dez capítulos inteiramente dedicados a Pestalozzi e à permanência de Rivail ainda criança no Instituto em Yverdon. Descreve-se com muita propriedade o funcionamento do Instituto, as atividades cotidianas, a participação dos professores e dos demais assim como a opinião dos visitantes que recebiam. As ideias propriamente ditas de Pestalozzi não são contempladas no livro, no entanto essa é a única contribuição conhecida em português a respeito do método trabalhado no Instituto.

De acordo com Incontri (1997, p.136) “tanto ele (Rivail) quanto Pestalozzi sonhavam com a volta a um cristianismo mais puro, focalizado na prática da moral cristã”. Seguindo, a autora (1997) ainda esclarece que para Pestalozzi, a verdadeira religiosidade identificava-se com a moral, despojando-se dos dogmas e do clericalismo das igrejas.

2.4 Pestalozzi: Educação para todos

O que diferencia o educador Pestalozzi dos demais é o seu desprendimento material em favor do próximo. Sua luta sempre foi educar os mais necessitados nem que para isso tivesse de se privar do que possuía. Nas palavras de Giles (1987, p. 189) “ele próprio viveu como mendigo para ensinar os mendigos a viver como homens”. Vivia numa busca incessante de que o povo precisava ser educado, pois estava convicto de que por meio da educação o homem deslancharia seu processo de regeneração. Não perdia nunca uma ocasião lhe que fizesse alertar os governantes de sua época a necessidade que a Europa vivia frente há um descaso com a educação.

O povo tem direito à educação. Se a democracia é realizada pelo povo, e este por sua vez é soberano, então é preciso educar o soberano. Pestalozzi conseguiu por meio de sua luta, estabelecer uma revolução no campo da educação. Através de seu legado, muitos ensinamentos podem ser extraídos para melhorarmos o caminhar da educação. O trabalho não pode parar, pois assim foi a tarefa do Grande Educador: “Amor é o único e duradouro fundamento sobre o qual pode a nossa natureza ser educada para a humanidade”. (Apud Lopes, 1981, p.110).

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

3.1 O Método

Neste trabalho foi utilizada como método a pesquisa exploratória, em virtude de procurar familiarizar-se com o tema ainda pouco explorado. Por intermédio da pesquisa exploratória é possível aproximar o pesquisador do tema escolhido, principalmente quando este é pouco explorado. Segundo Gil (1999, p.43)

Um trabalho é de natureza exploratória quando envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram (ou tem) experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Possui ainda a finalidade básica de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias para a formulação de abordagens posteriores. Dessa forma, esse tipo de estudo visa proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores.

Em relação a este trabalho a pesquisa exploratória ofereceu suporte para identificação e análise do reconhecimento feito pelos participantes acerca das contribuições que o Educador Johann Heinrich Pestalozzi consentiu para a Educação. Da mesma forma, por meio da pesquisa realizada pôde ser compreendido de que maneira atualmente a proposta do Educador está presente nas práticas pedagógicas dos profissionais da educação.

3.2 Os Participantes

Os participantes dessa pesquisa são vinte (20) estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Sendo dezesseis (16) do gênero feminino e quatro (4) do gênero masculino. A idade entre os participantes variou de dezenove (19) a mínima e trinta e dois (32) a máxima, sendo 23,55 a média de idade. Foi composta também com a participação da coordenadora da Associação Pestalozzi de Brasília, formada em Psicologia. A mesma trabalha na Instituição há oito (8) anos, entretanto este cargo assumiu a pouco mais de quatro (4) meses; uma professora da mesma Instituição, formada em Pedagogia com Especialização em Ensino Especial. Na Instituição trabalha há oito

(8) anos atuando como professora; e uma professora da rede pública de ensino do Distrito Federal, que possui formação de professores – Magistério. Essa trabalha como professora há vinte (20) anos e na atual Instituição está a quatro (4) anos. A idade entre as participantes variou de quarenta (40) a mínima e quarenta e quatro (44) a máxima, sendo quarenta e dois (42) a média.

3.3 Os Instrumentos

Os instrumentos utilizados para essa pesquisa foram um questionário, destinado aos alunos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB, que constava de duas (2) perguntas abertas e cinco (5) perguntas fechadas. Três roteiros de entrevista sendo o primeiro destinado à coordenadora da Instituição, o segundo destinado a professora da mesma Instituição, e o terceiro destinado a professora da rede pública do DF, os dois primeiros constavam de cinco (5) questões fechadas e nove (9) questões abertas e o último constava de cinco (5) questões fechadas e duas abertas. A íntegra do questionário e dos roteiros de pesquisa encontram-se no Apêndice 1, 2, 3 e 4 respectivamente.

3.4 Procedimentos da coleta de dados

O procedimento utilizado para a realização da pesquisa foi primeiramente por meio de uma solicitação em que houve abordagem direta da própria pesquisadora junto aos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, solicitando aos mesmos a respectiva participação na pesquisa que se destina a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia. Foi solicitado ao participante responder o questionário de acordo com os conhecimentos que possuía. O mesmo foi realizado na presença da pesquisadora e entregue no instante de sua finalização.

O procedimento em relação à entrevista realizada com a coordenadora e a professora sucedeu por forma de agendamento prévio e a mesma aconteceu na própria Associação Pestalozzi que existe em Brasília DF. Para a realização da entrevista, foi utilizado o roteiro que seguia perguntas previamente formuladas pela própria pesquisadora e a mesma utilizou como suporte a gravação para uma melhor apropriação das falas. A entrevista na íntegra encontra-se no apêndice 5. Da mesma maneira foi o procedimento quanto à entrevista obtida com a professora, a qual

também foi realizada pela própria pesquisadora e que seguia um roteiro previamente formulado, utilizando a gravação como suporte para análise das respostas. A mesma encontra-se na íntegra no apêndice 6.

O procedimento realizado em relação à entrevista realizada com a professora da rede pública do DF, também foi agendado previamente, sendo realizada pela própria pesquisadora na Instituição que a participante trabalha. A entrevista seguia o roteiro que contava de perguntas previamente formuladas pela pesquisadora. Foi utilizado como suporte a gravação, que se encontra no apêndice 7.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Análise dos questionários aplicados aos estudantes

Os dados apresentados inicialmente são os relativos ao questionário aplicado aos vinte (20) estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação/ Universidade de Brasília (UnB).

Com relação à primeira pergunta proposta no questionário referente ao possível conhecimento que o estudante possuía sobre Pestalozzi, seis (6) estudantes disseram que não o conheciam. Entre esses estudantes, dois (2) tentaram argumentar o fato de desconhecê-lo por meio da sua resposta na pergunta subsequente, em que instigava o estudante a analisar segundo sua opinião a contribuição que Pestalozzi ofereceu para a educação.

Um dos estudantes, pretendeu em sua resposta, tornar o fato de desconhecê-lo algo natural aos demais estudantes da Faculdade. Nas palavras de Ana⁷, a mesma afirma: “Não o conheço e creio que grande parte dos estudantes do curso não o conhece. Não me lembro de nenhuma disciplina que realizei que faça menção a Pestalozzi”. De fato, o pedagogo trabalhado nesta pesquisa tem sua abordagem, de maneira significativa, esquecida por muitos profissionais e futuros profissionais da educação. As contribuições que Pestalozzi deixou em seu legado são inúmeras, entretanto não há sequer o conhecimento de suas experiências na história da educação por parte dos estudantes.

A outra estudante que afirmou desconhecer o pedagogo e, por consequência, suas contribuições para a educação foi além da estudante anterior, construindo sua resposta baseada em pressupostos desconhecidos e arraigados de pré-conceitos. Nas palavras de Eva:

“Por não conhecê-lo, desconheço tal contribuição, mas se houver creio que não possui tanta aplicabilidade na prática ou seus pressupostos teóricos estão impregnados na inconsciência coletiva

⁷ Os nomes retratados na pesquisa referem-se a nomes fictícios a fim de preservar o anonimato dos participantes.

das representações sociais, ou seja, é disseminada de forma anônima como se fosse um pensamento apenas do senso comum”.

Com base nesse trecho pode-se perceber que a estudante afirma mesmo sem conhecer a abordagem do Educador em questão, que a mesma pode não possuir aplicabilidade nas práticas educacionais ou até mesmo contradizendo-se que pode ter, mas em sua existência não tão significativa, deve estar permeada no cotidiano sendo parte do pensamento formulado através do senso comum.

Conhecendo Pestalozzi em sua essência, sabe-se que isso não seria possível, uma vez que suas experiências demarcam significativa postura dentro das concepções de educação, dessa forma atribui-se a ele o ponto de partida de determinadas inovações pedagógicas, por meio de sua compreensão que o aluno deve possuir um caráter ativo em seu processo de aprendizagem. Dessa forma conclui-se que a compreensão da estudante não atinge o nível de conceituação, confirmando sua primeira resposta a respeito de seu conhecimento sobre Pestalozzi.

Dentre os estudantes que disseram que conheciam Pestalozzi na primeira pergunta do questionário de pesquisa, dos vinte (20), quatorze (14) afirmaram conhecer o Educador. Contudo, as respostas variaram de acordo com o nível de conhecimento de cada um. Dois (2) estudantes responderam a questão dizendo apenas conhecer a Instituição que leva o mesmo nome e um deles ainda ressalva uma lembrança de que o Educador foi citado em uma disciplina na Faculdade, entretanto não diz qual disciplina e nem o contexto em que foi abordado.

Duas das participantes, as quais definiram conhecer Pestalozzi mesmo que superficialmente, completaram suas respostas reforçando uma ideia vaga oriunda de uma falta de conhecimento a seu respeito. Laura, uma das participantes escreveu sinteticamente a contribuição do Educador: “Na aprendizagem, interdisciplinaridade, construção do conhecimento”. Pestalozzi buscou tornar as disciplinas coesas com a vida dos alunos, entretanto não focalizou nem pretendia sob análise, uma interdisciplinaridade em suas práticas.

No ensino propriamente dito Pestalozzi mostrou-se revolucionário. Temos que seguir a natureza. A natureza nos deu os sentidos e temos que usá-los no conhecer das coisas. Nunca ensinar a criança a palavra antes da coisa que ela representa. Nunca lhe falar de laranja antes de lhe mostrar a laranja. Este é o método: primeiro a coisa, depois a palavra. (LOPES, 1981, p. 79).

Lúcia, a outra participante, respondeu da seguinte forma: “Não me lembro muito bem, mas a forma como ele fala da imagem do sujeito é interessante”. De acordo com as respostas produzidas pelas participantes é possível perceber a desconexão que ambas fazem do assunto, em que, de maneira vaga e aleatória respondem a questão proposta. É notório o nível de conhecimento acerca do tema pelas participantes, pois que não demonstra um mínimo de coerência entre suas respostas e a abordagem de Pestalozzi.

Assim como, o estudante referido anteriormente, outra participante afirmou conhecê-lo por ter havido uma discussão na aula de Aprendizagem e Desenvolvimento de Portadores de Necessidades Especiais, disciplina oferecida pela Faculdade de Educação/UnB. Neste trabalho, retratada como Paula, a estudante disse: “O único referencial que tenho é sobre a discussão na aula de PNE e não tive uma visão positiva em relação ao desenvolvimento educacional feito na instituição”. Em sua fala pode-se perceber que a abordagem de Pestalozzi não foi o foco da discussão realizada em sala de aula, mas sim a metodologia utilizada pela Instituição Educacional que trabalha com portadores de necessidades especiais.

Entretanto, a aluna se restringe ao falar que não obteve uma visão positiva do método, deixando de posicionar os pontos negativos que percebeu o que pode acarretar em uma transposição de suas ideias formadas a partir do conhecimento da metodologia utilizada na Instituição para a abordagem utilizada pelo Educador no século XVIII. Para tanto é preciso analisar mais aprofundadamente as informações que foram repassadas nessa discussão, uma vez que tanto podem estar relacionando a própria Instituição com práticas educacionais mal interpretadas, como também o trabalho realizado, na mesma, pode vir contrariamente ao que o Educador propôs.

Sofia, uma participante que foi voluntária por um (1) ano na Associação Pestalozzi de Brasília, ao responder sobre a sua visão a respeito da contribuição do Educador para a educação, não discorreu fundamentando-se nos preceitos que o próprio propôs, abordando, no caso, a metodologia utilizada pelos professores na instituição. De maneira clara, expõe “de acordo com os professores, os alunos que eles têm são bastante limitados, porém acredito que os profissionais fazem o possível para desenvolver as habilidades de cada um”. É possível perceber por meio

de sua resposta, que o modo como a educação é cultivada na instituição condiz com aquela que Pestalozzi fincou sua proposta, como visto em Zanatta (2005), dedicou por meio do ensino o desenvolvimento das capacidades humanas ao alcance de sua plenitude. Ainda que, o Educador não tenha restringido ao ensino com alunos com necessidades especiais, percebe a aplicabilidade de sua metodologia em toda a educação.

Antônio, outro participante da pesquisa também atrelou sua resposta quanto ao funcionamento da Instituição. Este, entretanto abordou, aspectos que não adicionam informações a respeito das contribuições do Educador para a educação. Retrato a dificuldade que a Instituição, certas vezes, passa em que os funcionários, de forma em geral, precisam organizar festivais para que possam receber seus respectivos salários. Tal informação por mais que tenha um caráter pessoal, crítico e um tanto duvidoso, não contempla o que a pesquisa objetiva. A única referência que o participante faz é de reconhecer que “A Pestalozzi é uma das poucas escolas européias de Brasília”, em suas palavras ao referir-se a Associação Pestalozzi de Brasília.

Outra participante da pesquisa que respondeu ter conhecimento sobre Pestalozzi ressalva que, a oportunidade aconteceu na disciplina Educação Infantil, ofertada pela Faculdade de Educação/UnB, em que pôde apreender determinados conhecimentos mais próprios da abordagem de Pestalozzi. Neste caso, não se restringiu e uma discussão a respeito da metodologia que uma Instituição utiliza, mas sim acerca dos fundamentos teóricos que Pestalozzi ofereceu para a educação. A esse respeito escreveu Carla em sua resposta:

“Acreditava na educação pública, por achar que ela possuía um cunho extremamente social. Pelo pouco que conheci desse teórico, uma boa contribuição foi a teoria dos três estados de desenvolvimento moral: Estado natural, Estado social e Estado moral”.

De acordo com Lopes (1981), Pestalozzi se preocupou em atender as necessidades educacionais de todos, principalmente dos menos favorecidos. Assim sendo, defende que o indivíduo deve ter oportunidade de se desenvolver, de se realizar, libertando-se da sua condição de miséria. Dessa forma, Carla uma das participantes vai ao encontro de Pestalozzi, conforme se apreende pela sua resposta. Pode-se perceber também através de sua resposta a apropriação que a

participante obteve de um dos pressupostos argumentados por Pestalozzi, no caso a teoria dos três estados. A estudante não entra a fundo caracterizando cada um, entretanto demonstra o conhecimento da dialética oferecida pelo Educador.

Mais uma participante também apresentou um nível de maior conhecimento da abordagem do Educador ressaltando, assim como, a participante anterior, os eixos propostos por Pestalozzi. Todavia, faz referência ao fato do Educador ser um dos pioneiros da reforma educacional, por trazer significativas contribuições à educação. No entanto não explora em sua resposta, de que maneira tais contribuições foram incorporadas no contexto da reforma educacional. Infere-se sob esta condição, que Pestalozzi ecoa na história como uma figura importante, mas com seus fundamentos um tanto esquecidos e não explorados.

Três (3) participantes dos quatorze (14) que responderam sobre a contribuição de Pestalozzi para a educação enfocaram sua resposta na modalidade de ensino especial, como essencialmente o mesmo ficou conhecido. Segundo Lopes (1981, p.29)

Como, devido à pobreza em que viviam muitos, e outros por defeito de nascimento, tivessem os alunos dificuldades no desenvolvimento mental, nasceu a ideia de que Pestalozzi só se preocupou da recuperação de crianças excepcionais. Tais eram, de fato, os alunos de Neuhof.

Em seus Institutos, Pestalozzi recebia a todos os que necessitavam de educação, crianças carentes, mendigos, órfãos, sem sequer haver distinção quanto ao que possuíam ou não deficiências. A todos, o Educador tratava com o cuidado e amor, almejando que suas faculdades (intelectuais, morais e físicas) fossem desenvolvidas. Por possuir este caráter acolhedor aos que portavam necessidades especiais, Pestalozzi tornou-se conhecido nessa especialidade. Entretanto não desenvolveu um estudo particular a estes alunos. Por meio das respostas dos participantes percebe-se que em comum que se atribui a Pestalozzi a capacidade de desenvolver habilidade e métodos os quais objetivam um melhor aproveitamento na aprendizagem dos alunos.

Não obstante aos participantes mencionados anteriormente, Cátia ressalta a abordagem de Pestalozzi da seguinte forma “sei que ela “revolucionou” a educação em sua época. Embora, tenha começado com alunos com deficiência, suas técnicas

foram utilizadas com sucesso com alunos “normais””. A participante faz referência ao ensino com alunos com deficiência, contudo compreende que não foi restrito nem formulado para alunos com necessidades especiais, abrangendo a todos os demais. Reconhece o papel que o Pedagogo teve em sua época, o que demonstra conhecimento de sua trajetória na educação. Como visto no início do trabalho, a visão que a participante possui é coerente com as contribuições de Pestalozzi, em sua época, quando propôs inovações no âmbito pedagógico em seus métodos de ensino e aprendizagem. Assim, relata Pestalozzi (1799 apud LOPES, 1981, p.56-57)

Eu sabia quão úteis são as necessidades comuns da vida no ensinar aos homens as relações das coisas, em despertar-lhes a inteligência, em formar seu raciocínio, em acordar faculdades latentes, sepultadas debaixo dos vis elementos de sua natureza e que só depois de liberadas se tornam ativas. O meu primeiro objetivo, portanto, foi libertar tais faculdades e trazê-las à pura e simples circunstância da vida doméstica.

A resposta da última participante analisada na pesquisa foi Sara a qual afirmou conhecer Pestalozzi pelo seu vínculo indireto com a Doutrina Espírita. Em suas palavras “sei que foi o mestre do codificador da Doutrina Espírita e, portanto, influenciou os métodos usados, mas não sei como ele contribuiu para a Educação, no geral, atualmente”. Vê-se que a participante possui o conhecimento da relação existente com a religião, pelo fato de ser adepta da Doutrina, entretanto a mesma não conhece os pressupostos de seu trabalho, assim como sua metodologia utilizada e como repercutiu no mundo, tornando-se hoje conhecida por inúmeras Instituições espalhadas pelo país que trabalham, principalmente, com educação especial. Cita em sua fala que Pestalozzi influenciou nos métodos usados, mas não complementa dizendo quais são esses métodos e de que maneira ocorreu essa influência.

4.2 Análises da Entrevista realizada com a coordenadora

Com relação à entrevista realizada com a coordenadora da Associação Pestalozzi de Brasília, percebe-se que a mesma afirma que os pressupostos utilizados pelo Educador Pestalozzi é conhecido pelos professores da própria Instituição, todavia, em sua resposta destaca que planeja em sua gestão, resgatar a história do Educador, afim de que todos os funcionários possam conhecer profundamente aquele que abrigou em sua vida, todos aqueles que necessitavam de

auxílio. Verifica-se sobre esse último aspecto que a proposta de Pestalozzi ainda encontra-se espalhada nos corredores da Instituição, por vezes sem apropriação pelos seus trabalhadores. Assim, a coordenadora preocupa-se em desenvolver um trabalho que abranja a todos os funcionários para que conheçam a metodologia utilizada pelo Educador. Tal preocupação é oriunda do fato de que é necessário o conhecimento puro do trabalho realizado pelo Educador, uma vez que a própria Instituição carrega sua metodologia como aporte nas práticas pedagógicas.

Os funcionários mais antigos da Instituição, quando começavam a trabalhar, recebiam informações acerca dos pensamentos de Pestalozzi. Contudo os mais recentes, cedidos pelo Governo em parceria com a Secretaria de Estado e Desenvolvimento Social (SEDEST) já não a recebem. Então, acabam reproduzindo conceitos e práticas desconhecidas por cada um. Por isso, há essa preocupação em fazer um resgate da história do Educador, objetivando o conhecimento a todos, inclusive dos pais, que não identificam qualquer contribuição do mesmo. Neste ponto, a coordenadora ainda ressalta, que os pais desconhecem também as necessidades de seus filhos, deixando a cargo da Instituição o cuidado completo de cada um. Sua proposta é uma orientação para os pais que possibilite esclarecer tanto sobre os pressupostos do Educador, quanto ao conhecimento para os pais das deficiências que seus filhos possuem. Pestalozzi reforçava o quanto a educação deve caminhar juntamente com a família, sendo essa a primeira instituição que irá nos guiar e mostrar os primeiros ensinamentos, e ainda entendendo a mãe como a primeira professora de seu filho.

Por meio de uma das perguntas dirigida à coordenadora identificou-se que a principal herança que a Instituição herdou da proposta de Pestalozzi, assim como o próprio almejou em suas práticas, é o pleno desenvolvimento das potencialidades de cada aluno. Ainda que Pestalozzi não tenha se apropriado unicamente do trabalho com alunos com deficiências, a característica predominante de sua proposta reconhece o acolhimento sem distinções a todas as pessoas.

Portanto, para que haja o desenvolvimento das capacidades humanas, como Pestalozzi propôs, a Instituição utiliza de oficinas pedagógicas para que se trabalhem determinadas habilidades em cada aluno. O tríplice aspecto do desenvolvimento do ser humano que relaciona cabeça, coração e mão, como

analisado anteriormente nas ideias do Educador, relacionando cada um destes com os aspectos intelectual, moral e físico. Entende-se este último como aprender fazendo, trabalhando, sendo este o que a Instituição busca por meio dessas oficinas pedagógicas alcançar.

A relação existente entre educação e trabalho não é explorada pela Instituição, uma vez que esta não propõe uma abertura para o mercado de trabalho. Assim, o trabalho na Instituição consiste em exercitar as atividades manuais, como mecanismo para o desenvolvimento das habilidades motoras. Pestalozzi buscou instigar os alunos a compreender o valor do trabalho por meio de seu esforço, o que lhe garantiria conseqüentemente a educação. Trabalhavam e estudavam para desenvolver, acima de tudo, sua plena autonomia.

Contudo, como explicado pela coordenadora esta relação não é primordial, com isso as oficinas pedagógicas são um suporte para a aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades dos alunos. Os trabalhos que os professores e os alunos fazem através das oficinas são vendidos em bazares, com a finalidade também de gerar economias para a própria Instituição. Entretanto estes trabalhos não são revertidos em fonte de renda para os alunos, sendo apenas utilizados para fins destinados à Instituição.

Percebe-se por meio de uma das respostas da coordenadora, que assim como Pestalozzi, a Instituição basicamente sobrevive com auxílio de terceiros, no caso atual, a ajuda é por meio de doações que a comunidade, em geral, e os pais. A própria Instituição ainda realiza bazares beneficentes com matérias doados e os também confeccionados pelos alunos para a obtenção da renda. Nos Institutos que o Educador fundou este mesmo problema o assombrava, sendo um dos fatores principais de alguns de seus Institutos terem fechado as portas.

A similaridade presente em ambos decorre do fato de que a Instituição foi fundada e mantida por um grupo de pessoas que sensibilizadas, pela situação desfavorável que alguns se encontravam, devido à situação econômica, orfandade ou por deficiências, prontificaram-se no auxílio destas pessoas a fim de promover o desenvolvimento de cada uma. A isso dá o nome de solidariedade, o que é notável no exemplo deixado por Pestalozzi. O governo por perceber o quanto esse tipo de Instituição pode o ajudar, contribui de alguma forma, acreditando na proposta

estabelecida por estas que tem por finalidade avançar no progresso social. A cobrança de mensalidades não é feita pela Associação, pelo fato de muitos alunos serem de classe baixa. Da mesma forma Pestalozzi, em sua época, não cobrou valores de seus alunos, pois acreditava que o ensino deveria ser para todos, não apenas para os que pudessem pagar.

Pelo fato de Pestalozzi ter contribuído na formação do Codificador da Doutrina Espírita, foi levantada pela pesquisadora uma questão que tinha por finalidade, identificar se há relação existente entre ambos, na atualidade. Por meio da resposta da coordenadora, a mesma alegou que esse tipo de relação não poderia existir, pois o Estatuto que rege a Associação o desvincula de qualquer Entidade que tenha caráter ideológico. Por isso não há ligação política, religiosa, entre outras. O que é identificado nessa relação existente, é o envolvimento dos trabalhadores da Instituição pelo seu caráter de auxílio ao próximo.

Quanto ao currículo de atividades e disciplinas destinado para os alunos da Associação, há uma divergência entre o que Pestalozzi propôs, uma vez que esse dedicou seu ensino a alunos tanto com deficiência como sem elas. Dessa forma apropriou-se do método intuitivo para ensinar em suas disciplinas, em que o aluno partia primeiramente do conhecido para o desconhecido, do particular para o geral. Já na Instituição, como as atividades são direcionadas aos alunos com deficiências, destinadas ao desenvolvimento de potencialidades, por meio das oficinas pedagógicas, entre elas destaca-se: reciclagem de papel, jardinagem, cerâmica, decopagem, pintura em tecido, entre outras. Há também como parte do currículo o acompanhamento e desenvolvimento direcionado aos alunos com deficiências mais profundas, os quais não andam, não falam. Então não há o ensino propriamente tradicional com foco nos códigos de linguagens e ciências da matemática, os alunos aprendem vivenciando juntamente com os demais alunos e professores.

4.3 Análises da Entrevista realizada com os Professores

Com relação à entrevista realizada com uma professora da Associação Pestalozzi de Brasília, pode-se perceber conforme sua resposta na primeira pergunta a qual pretendia verificar se a mesma teve a oportunidade de conhecer a proposta do Educador em sua formação, constatou-se que, assim como, outros

participantes da pesquisa, que ainda estão cursando a graduação, a professora não teve o conhecimento em sua formação superior por meio aula, debate, leitura, a respeito do Educador.

Dessa forma percebe-se por meio de sua fala, certa resistência ao informar que não conheceu Pestalozzi durante sua formação, como se isso fosse lhe comprometer. Ao dizer “na, na não... não”, fica claro que a mesma buscou em suas raízes algo que lhe confirmasse o conhecimento do Educador, mas o mesmo não aconteceu, respondendo de maneira negativa a questão solicitada. Nos cursos de formação de professores é de suma importância que trabalhe a abordagem dos diversos Pedagogos que fizeram da Educação um movimento social que propicia transformação. Há pelo contrario uma abrangência maior, esquecendo daqueles que serão os guias nos processos de ensino e aprendizagem.

Na questão seguinte é averiguado, pela pesquisadora, o momento que a professora entrevistada obteve o conhecimento acerca do Educador e de seus pressupostos, e essa respondeu que apenas pôde conhecê-lo em sua especialização, já que a mesma trata-se do ensino especial, e este educador tornou-se conhecido nesta área. Entretanto, esse conhecimento deu-se de maneira superficial, não aprofundando nas práticas pedagógicas. A mesma ainda afirma que só conheceu, de fato, sua proposta quando foi trabalhar na Associação Pestalozzi de Brasília, na qual recebeu várias informações sobre o Educador, além dos grupos de debates entre professores com temas de diversos Educadores e Estudiosos do processo de educação, e através destes encontros debatiam as propostas de Pestalozzi.

Ao responder a pergunta que se refere a maneira que ela (a professora) busca relacionar o método Pestalozziano em suas práticas pedagógicas, mas que resume o que o Educador formulava como a base essencial para a educação. Nas palavras da professora “ah, no amor, na afetividade”. Quando esse sentimento envolve a educação, o compromisso e a dedicação com o trabalho são fontes intermináveis. Concomitante com o pensamento da professora vê-se em Pestalozzi a preocupação em dar aos alunos o que de mais belo pode existir como sentimento que envolve o ato de educar.

Disso tudo decorre uma conclusão bastante evidente: a formação integral do homem, que permite o pleno desabrochar de todas as suas potencialidades – como queria Pestalozzi-, depende em primeiro lugar da capacidade de amor dos educadores e do grau de lucidez desse amor. (INCONTRI, 1997).

Não obstante, ao responder, qual a contribuição do Educador para a Educação, a professora resgata seu maior ensinamento dizendo ser o cuidado que ele tinha com seus alunos. O fato é que Pestalozzi possuía um grande Espírito acolhedor, e movido pela inconformidade das inúmeras desigualdades existentes, não pestanejava em ajudar seu próximo, entendendo que por meio da educação o individuo consegue regenerar-se, saindo de sua condição miserável e conseqüentemente assumindo sua autonomia plena. O cuidado que o mesmo tinha é derivado do amor que possuía pelas crianças acolhidas, muitas delas órfãs, mendigas, abandonadas, sujeitas a toda causalidade externa. Não fazia distinção de uma para a outra, apenas abraçava-lhes e ensinava-lhes primeiramente aspectos relacionados a moral, tendo como base a relação respeitosa em seus Institutos. Como parte de sua tarefa educadora, exercia seu método intuitivo, o qual interagia a criança com o meio que vive, entendendo-a ativa em seu processo de aprendizagem.

Como visto anteriormente, a coordenadora da Instituição, não relaciona educação e trabalho como Pestalozzi buscava em suas experiências, em virtude das deficiências de seus alunos. Entretanto a pergunta teve objetivo de compreender se essa relação é identificada de maneira positiva nas práticas de ensino. Assim, a professora acredita ser importante essa ligação, uma vez que, para ela há uma relação de dependência entre ambas, no caso de objetivar um melhor aproveitamento profissional. Dessa forma, é necessário educação e trabalho caminharem juntamente para que se formem profissionais de qualidade que conseqüentemente retornarão a sociedade trabalhos que avancem em seu processo de desenvolvimento.

Diante da pergunta, se a professora tinha alguma crítica para o método realizado por Pestalozzi, a mesma afirmou não ter nenhuma crítica. Não fez ressalvas, nem apontamentos, comprovando pleno apoio ao método Pestalozziano.

A última pergunta destinada à professora tinha por objetivo identificar de que forma a mesma trabalhava o método intuitivo proposto pelo Educador. No caso, a

professora já havia se esquecido das bases que envolvem o método e, por isso, a pesquisadora teve que explicar de maneira breve, para que a questão pudesse ser respondida. Em suas palavras

Assim não é totalmente, mas a gente trabalha muito a socialização. (...) eles não são bem associados, não sabe nem como pegar no garfo direito, ir ao banheiro direito. Então a gente trabalha essa socialização também com as atividades da vida diária que são essas.

Através do relato da professora percebe-se que o método intuitivo propriamente dito e compreendido como aquele que Pestalozzi propôs, não se refere ao relatado pela professora. Como a mesma apontou, é o que eles trabalham na Instituição, a maneira própria que se utilizaram para “socializar os alunos”, como a mesma se refere, nas diversas atividades relacionadas com o cotidiano. A relação que pode ser feita entre o método e a socialização é o fato do aluno ter a vivência, adquirir o aprendizado por meio de sua interação com o objeto. Entretanto o método foi destinado para o ensino das ciências em geral.

Em decorrência das deficiências dos alunos, a Instituição busca desenvolver nos alunos a educação para as atividades da vida diária, desde o jeito de pegar no garfo até no sentido de dominar os instintos da agressividade. Sendo assim, a socialização não deixa de ser parte do método intuitivo, entretanto com algumas ressalvas devido a sua especificidade por direcionar-se aos alunos com necessidades especiais.

Com relação à entrevista realizada com a segunda professora, que atua na rede pública do DF, a mesma afirmou desconhecer o Educador e conseqüentemente não saberia dialogar sobre a proposta do mesmo para a educação. Entretanto, sua fala chama a atenção no aspecto de que a professora mostrou-se questionadora no sentido de não entender o motivo pelo qual não se é fala sobre esse tema. Conclui em sua fala a necessidade de haver este estudo visto sua relevância para a educação e para o aporte que os profissionais da área podem se apoiar.

Em virtude da falta de conhecimento dos participantes, vê-se a necessidade de explorar tal estudo a fim de desempenhar um trabalho comprometido no ensejo de tornar a educação cada vez melhor. Buscar autores em sua raiz é tentar compreendê-los em seu tempo, em sua época, sendo possível transpor as

experiências realizadas, as lições deixadas, os fundamentos traçados em relações possíveis nas práticas pedagógicas.

Por fim, compartilho das ideias defendidas pelas professoras e pela coordenadora, em que é preciso realizar estudos sobre os Educadores que fizeram parte da história da educação, mas que encontram-se atualmente esquecidos pelo tempo. O conhecimento do tema sugere uma reflexão sobre a situação das práticas atuais, em que os alunos são vistos como um produto para o mercado de trabalho, admitindo uma educação bancária, como visto em Freire (1987). A educação deve contemplar, mormente a educação do ser, sua formação enquanto indivíduo que se compreende e faz-se íntegro em suas demais relações.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das reflexões sobre a proposta educativa de Pestalozzi, algumas práticas educativas dos dias atuais deveriam ser repensadas. Os caminhos levaram a perceber que a contribuição do Grande Educador Pestalozzi está a cada dia mais esquecida por estudantes, professores e os demais profissionais na área de educação, necessitando dessa forma, de um resgate de suas ideias que foram seminais para o desenvolvimento de outras teorias consideradas atuais e relevantes no processo pedagógico.

Verificou-se que os seus ensinamentos, assim como, seu legado ecoam pela história vagamente, não sendo explorada pelos atuais e futuros profissionais da educação. Como visto no capítulo anterior, os estudantes do curso de Pedagogia, os quais deveriam se apropriar de conhecimentos específicos da área, como o da proposta de Pestalozzi, na verdade o desconhecem em sua maioria, e quando há os que o conhecem demonstram de maneira superficial e relativa.

Da mesma forma, foi possível verificar que os profissionais que atuam utilizando o método de Pestalozzi em suas práticas, também o desconhece, atribuindo a ele unicamente o sentimento de cuidado, amor, não explorando e reconhecendo por meio de sua participação na pesquisa um conhecimento mais aprofundado do Educador.

Essa pesquisa também pôde contribuir no sentido de averiguar o nível de correlação entre o que Pestalozzi fez em sua época, ou seja, suas contribuições no campo pedagógico, e como essas são reconhecidas na atualidade. Sendo assim, percebe-se que há uma dissincronia entre a realidade e o conhecimento popular, propagando-se ideias vagas, em que, há por parte dos participantes em geral um desconhecimento de tais pressupostos deixados pelo Educador.

Identificou-se com este trabalho que, no currículo dos cursos de Pedagogia em geral, não são contemplados determinados conteúdos que lhe serviriam como norteador nas práticas pedagógicas atuais. Muito se encontra do pensamento de

Pestalozzi nos processos educacionais, entretanto os profissionais desconhecem sua fonte, o desabrochar inicial da proposta educativa que se estabelece até hoje.

Como visto no decorrer deste trabalho, Pestalozzi juntamente com outros educadores tiveram grande influência nas reformas educacionais que aconteceram durante o século XIX no Brasil, contudo este fato é desconhecido tanto pelos atuais estudantes do curso de Pedagogia como por aqueles profissionais que já fazem parte dos processos educacionais. Cabe compreender que há uma incoerência entre o currículo atual e aquele que deveria contemplar a educação como fonte propulsora de transformação, de caráter social, autônomo, resgatando historicamente aqueles que dessa forma a compreendeu.

Durante o curso de Pedagogia os alunos se apropriam de diversas fontes de conhecimento das ciências em geral, autores que contribuíram para repensar o modelo de educação vigente, assim como aqueles que estudaram o processo e desenvolvimento do ser humano dentro do contexto educacional. Entretanto pouco se enfoca nos Pedagogos, nos educadores que em seu tempo fizeram de suas experiências, pensamentos e propostas para uma possível reforma educacional. Esses por sua vez, foram os pioneiros que nos mostraram o caminho que deveria ser seguido. Porém, as origens são esquecidas, como se as mesmas não fossem importantes. O conhecimento se processa de maneira gradual, em que de época em época é aprimorado, enriquecido por novas contribuições.

Por meio deste trabalho foi possível averiguar como se estabelece dentro das práticas pedagógicas atuais a contribuição do Educador. Identificou-se que sua maior herança acontece na modalidade de Ensino Especial, proveniente do caráter acolhedor que o mesmo possuía com todos aqueles estudantes que necessitavam de auxílios diversos. A Associação Pestalozzi de Brasília transmite por meio dos seus educadores e de suas práticas o maior ensinamento que o Educador deixou, em que se deve primeiramente trabalhar com o sentimento do amor, pois a prática de ensino deve vir imersa por tamanha emoção.

Corroborando com a ideia defendida pela coordenadora da Associação Pestalozzi de Brasília, compreende-se a necessidade de haver um resgate a respeito dos pensamentos e da experiência educacional vivida por Pestalozzi, uma vez que os atuais e os futuros profissionais da área de educação necessitam

absorver tais ensinamentos por possuírem uma imensa contribuição para as práticas pedagógicas. Lopes (1981) acredita que temos uma grande dívida para com Pestalozzi, como também ainda afirma que precisamos aprender significativamente com ele.

Portanto, este trabalho pretendeu de maneira inicial promover uma reflexão sobre as contribuições de Pestalozzi para a educação e verificou-se que os conteúdos trabalhados nos cursos de formação, não estão contemplando uma das fontes que discerne a educação em sua imensa tarefa, a qual é capaz de desenvolver indivíduos autônomos em relação a si e de seus conhecimentos, abrangendo assim a formação integral do ser humano.

No que se refere à aplicabilidade dos conceitos trabalhados pelo Educador, percebeu-se que atualmente os mesmos são trabalhados com alunos com necessidades especiais, mas que em suma poderia ser trabalhado com todos os tipos de alunos. O que motiva os profissionais que adotam o método abordado por Pestalozzi é o desejo de cuidar, de poder ajudar aos mais necessitados, sendo esse o maior dos ensinamentos por ele deixado.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ao concluir o curso de Pedagogia pretendo atuar na área, entretanto a docência na educação infantil não é meu foco. A princípio buscarei atuar nos diversos espaços que um Pedagogo pode representar. Pretendo ampliar meus horizontes e conhecer as múltiplas tarefas desta profissão em nossa sociedade. Não quero me distanciar da área educacional, contudo minha maior expectativa é ser aprovada em um concurso público para trabalhar como pedagoga em espaços não escolares.

Assim também, pretendo dar continuidade aos estudos na área educacional. Almejo realizar o Mestrado na Universidade de Brasília, assim como futuramente concretizar o sonho do Doutorado. Enquanto ainda eu não estiver cursando o primeiro, pretendo estar trabalhando na área educacional, buscando interagir com diversos objetos a fim de encontrar meu eixo temático para seguir meus estudos. Através da prática, de relações empíricas procurarei compreender o universo educacional em sua essência.

O maior receio que tenho na atualidade é me formar e não conseguir emprego na área. Presencio colegas recém formados com dificuldades como essa e percebo que muitas vezes o profissional não é valorizado. Há nesse sentido, um sentimento que me envolve e desperta o desejo de reverter tal situação. Já tive sonho de tornar-me membro político para movimentar a sociedade na busca de uma educação de qualidade, que surgirá também com a valorização dos profissionais da área.

Sendo assim coletando tudo o que já foi dito e acrescentando outras possibilidades, ao final do curso pretendo me engajar em projetos educacionais do governo, ou trabalhar com a formação continuada de profissionais em empresas, gestão de pessoas, orientação pedagógica, orientação de projetos, e segmentos afins. Contudo a questão que irei priorizar é a formação dos indivíduos quanto ao seu processo de aprendizagem. Quando já tiver cursado o Doutorado, pretendo continuar contribuindo para a sociedade formando futuros pedagogos.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Lewis Flint. Pestalozzi. New York, 1931.

BELLO, José Luiz de Paiva. A teoria básica de Jean Piaget. Vitória, 1995. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per09.htm> Acesso em: 16 de outubro de 2011.

BORGES, Inez Augusto. Johann Heinrich Pestalozzi e suas contribuições para a reflexão sobre a Educação Cristã. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Chancelaria/GT2/Inez_Augusto_Borges_II.pdf Acesso em: 02 de outubro de 2011.

COLL, César; GILLIERON, Christiane. Jean Piaget: O desenvolvimento da inteligência e a construção do pensamento racional. In: LEITE, L. B. São Paulo, Cortez. Cap I. Pag. 13 a 50.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17º Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GILES, Thomas Ranson. História da Educação. São Paulo: E.P.U., 1987.

INCONTRI, Dora. Pestalozzi: Educação e Ética. São Paulo, Editora Scipione, 1997.

LAKATOS, Eva. Maria. Fundamentos da metodologia científica. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LOPES, José Luciano. Pestalozzi e a Educação contemporânea. Duque de Caxias, 1981.

_____, José Luciano. Pestalozzi o Grande Educador. Rio de Janeiro, 1943.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento - Um processo sócio histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

SOETARD, Michel. Johann Pestalozzi – Coleção Educadores. Recife: Massangana, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. Pensamento e Linguagem. Martins Fontes. São Paulo, 2005.

ZANATTA, Beatriz. Aparecida. O método intuitivo e a percepção sensorial como legado de Pestalozzi para a geografia escolar. Campinas, Cad. Cedes, vol. 25, p. 165-184, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE 1



Eu sou Natália Costa Araújo e estou realizando uma pesquisa para obtenção de título de licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Professora Dra. Tereza Cristina Siqueira Cerqueira, cujo tema é Abordagem de Pestalozzi na Educação. Solicito sua colaboração em responder ao presente questionário. Todas as suas respostas serão totalmente anônimas, utilizadas única e exclusivamente para esta pesquisa e garantidas pela ética da pesquisa científica. Desde já agradeço sua colaboração.

Sexo:

Idade:

Semestre:

Estado civil:

Religião:

1) Você Conhece Pestalozzi?

2) Para você, qual a contribuição de Pestalozzi para a Educação?

APÊNDICE 2

Roteiro de Entrevista na Associação Pestalozzi de Brasília

Sexo:

Formação:

Quantos anos trabalha na Instituição:

Qual o cargo que ocupa:

Quanto tempo está neste cargo:

- 1) Qual a herança que a Associação Pestalozzi herdou dos fundamentos propostos por Pestalozzi na Educação?
- 2) Como a Associação relaciona educação e trabalho?
- 3) Os professores da Associação conhecem a proposta e o método de Pestalozzi?
- 4) Há algum curso/palestra que os professores recebem os informando acerca da metodologia proposta pelo Educador?
- 5) Como a Instituição se mantém? Recebe auxílio de algo?
- 6) Há algum vínculo entre a Associação e alguma Entidade Espírita?
- 7) A Instituição oferece cursos abertos para a comunidade? Se sim, qual sua finalidade?
- 8) Quais são os tipos de curso que a Instituição oferece para os alunos?
- 9) Quais atividades e disciplinas fazem parte do currículo na Instituição?

APÊNDICE 3

Sexo:

Idade:

Formação:

Qual cargo ocupa na Instituição:

- 1) Você conheceu Pestalozzi, o Educador , durante a sua formação?
- 2) Por que você decidiu trabalhar na Associação Pestalozzi?
- 3) Em que momento você pôde conhecer a proposta e o método de Pestalozzi para a Educação?
- 4) Ao iniciar o trabalho na Instituição, os professores recebem alguma formação acerca dos pensamentos de Pestalozzi?
- 5) Em suas práticas pedagógicas, de que maneira você busca relacionar o método Pestalozziano?
- 6) Em suas práticas é trabalhado o método intuitivo proposto pelo Educador Pestalozzi?
- 7) Para você, qual a contribuição de Pestalozzi para a Educação?
- 8) Você considera importante a relação entre educação e trabalho? Por quê?
- 9) Há alguma crítica que você faz para o método proposto por Pestalozzi?

Apêndice 4

Sexo:

Idade:

Formação:

Qual cargo ocupa na Instituição:

Quanto tempo neste cargo na Instituição:

- 1) Você conheceu Pestalozzi, o Educador , durante a sua formação?
- 2) Qual a contribuição deixada por ele?

APÊNDICE 5

Transcrição da Entrevista

Bom o que herdou? Bom eu acho que justamente essa possibilidade da gente trabalhar as potencialidades dos meninos. Aqui a gente tem uma clientela que eles são adolescentes e adultos, eles não são... nós não temos crianças aqui na nossa Instituição né!? Então é o que que a gente faz... a gente já pega aqueles pacientes digamos assim, já com uma certa dificuldade maior, pela idade e tudo. Então nas oficinas é que a gente consegue desenvolver essas potencialidades e descobrir muito.

Olha aqui a nossa Pestalozzi aqui de Brasília, a gente não tem abertura pro mercado de trabalho em virtude das deficiências dos nossos alunos. A APAE que oferece mais, então os nosso não são preparados para o mercado de trabalho em virtude das deficiências que não os possibilitam de atuar.

Sim conhecem. A gente até se preocupou em criar essa, a história da Pestalozzi, pra gente falar da nossa Pestalozzi aqui, nós tivemos que resgatar a história dele também. Então inclusive uma proposta nossa, porque a nova gestão agora, no caso a gente né?! É justamente criar a possibilidade de fazer um treinamento para todos, por que os funcionários os mais ligados a area do serviço geral, então muito deles não conhecem né... E é importante a gente ter esse resgate né?

Ah tá, foi mais ou menos o que a gente falou, mas uma coisa que a gente tem conversado com o pessoal da clinica, por que aqui nós temos fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais e fisioterapeuta, era justamente de levar ao conhecimento dos pais e da própria comunidade aqui pestalozziana, é... o que que eles trabalham aqui com os alunos, por que as vezes tem pais aqui que desconhecem que o filho tem problema de deglutição e que isso é risco de vida. Então a gente tem, uma das nossas propostas agora é fazer essas palestras e também com certeza fazer esse documentário sobre Pestalozzi pra passar junto com essas palestras. Assim pra gente tornar isso uma coisa comum a todos, que a gente conheça o que ta fazendo aqui, ou o motivo que ta aqui né.

Recebemos doações, basicamente doações. Mas nós temos aqui é um convênio com a Secretaria de Educação que nos cede os professores, atualmente são trinta e sete (37). Nós temos um convênio com a Secretaria de Desenvolvimento e Transferência de renda, que é o SEDEST, e a SEDEST cobre a parte assim de gás, combustível, produtos de limpeza, assim uma parte né... e também a folha de pessoal que hoje nós temos vinte e cinco (25) funcionários. Então essas são as nossas, eu digo assim “o que nos protege” digamos assim. E o telemarketing que aqui também recebe as doações que mantém a Instituição.

Espírita? Espírita não. Agente não pode ter esse vínculo. (Presidente) Vínculo Espiritual? Nem religioso, nem político, nada. Isso ai é uma coisa que gere inclusive nosso Estatuto. Claro que aqui nós temos algumas pessoas que são espíritas outras evangélicas (coordenadora) começando pela própria diretoria que é quase todo mundo espírita, mas foi por coincidência. (Presidente) Mas não foi nada articulado, foi coincidência mesmo, a gente nem sabia que os outros eram. (coordenadora) a gente foi se descobrindo. Parece até que foi Deus que disse assim “vocês ai oh ta na hora de agir, vamos trabalhar”.

Não, atualmente não.

(Presidente) As oficinas que eu conheço, é aquilo que eu to falando para você eu não conheço como um todo. Comecei aqui como pai de aluno, trazendo e deixando ele. Então a quatro meses que a gente ta não é isso? (Coordenadora) Isso quatro meses. (Presidente) A gente só preocupou até hoje com a parte administrativa que tava um pouco a desejar. Então a gente tá conseguindo aparar essas arestas. Mas o que que eu sei de oficina aqui, nós temos uma oficina de cerâmica, que inclusive é até muito bem elaborada, nós temos uma aparelhagem boa lá. A professora que tá lá com os alunos ela é muito conhecedora dessa área, tem feito muitas cerâmicas que a gente até leva para o bazar. Tem também de biscuit, (coordenadora) papel reciclado, é... tem a de garrafa pet, (presidente) que também é outra que é muito interessante, fazem bolsa, fazem cinto, você já viu? (perguntou para a pesquisadora e continuou a responder) é uma coisa interessante você precisa ver. (Continua a coordenadora) tem a de jardinagem, a de hortaliças, pintura em tecido... (presidente) Como chama aquela que os meninos ficam faxinando ai? (coordenadora)

jardinagem. Na verdade nós temos dez oficinas, reciclagem de papel acho que eu já falei né!? De decopagem... é isso aí.

Atividades são essas oficinas pedagógicas. Nós temos também é... as terapias ocupacionais que são esses Múltiplos. Então aí é aquele atendimento mais direcionado, porque uns não caminham, e esse atendimento tem que ser bem preparado para atender as diversas necessidades que os alunos possuem.

APÊNDICE 6

Entrevista com a professora

Na, na, na... Não.

É, na realidade eu cai... Eu tava procurando pelo ensino especial porque desde cedo minha mãe já foi professora de ensino especial e eu sempre tive afinidade nessa área. Então quando eu cheguei aqui em Brasília, eu fui procurar cursos, me aperfeiçoar na área. E aí foi então que me falaram da Pestalozzi e aí eu fiz a minha inscrição pra cá e estou aqui até hoje.

Em que momento? Quando eu cheguei aqui que eu vi a proposta de trabalhar com os adultos aqui, até então eu via assim, por artificial né... Mas assim no concreto eu nunca tinha visto mesmo. E na Pós Graduação eu estudei sobre Pestalozzi, o autor né!? Eu estudei um pouco sobre ele. Mas até então para vivenciar foi aqui.

Sim, nós já tivemos aqui na Pestalozzi, um estudo há muito tempo atrás, há uns quatro (4), cinco (5) anos nós tivemos, nós fazíamos um grupo aqui. Era até bom a gente voltar... (falou direcionando a coordenadora). (coordenadora) A gente tá com esse planejamento de resgatar essa história, tanto para os funcionários, não só para os professores. (professora) Então era muito bom, a gente se encontrava uma vez no mês e estudava as propostas de Pestalozzi, sobre Piaget, tudo isso a gente via aqui.

Ah, no amor, na afetividade. Eu busco justamente isso aí. E no compromisso com o trabalho também.

É eu acho que é justamente esse cuidado e essa preocupação que ele teve com aquelas crianças de realmente cuidar né.. é... cuidar. A palavra chave acho que é cuidar.

Sim, muito. Por que uma faz ligação com a outra. O trabalho faz parte da educação e a educação faz parte do trabalho. Se você não conseguir ligar os dois, você não é um bom profissional.

Sabe o que a gente trabalhar muito? Assim não é totalmente, mas a gente trabalha muito a socialização. Aqui a socialização é o ponto chave aqui para eles por que a

maioria deles vem da família, eles não são bem associados, não sabe nem como pegar no garfo direito, ir ao banheiro direito. Então a gente trabalha essa socialização também com as atividades da vida diária que são essas. E a socialização uns com os outros, a questão da agressividade, do amor uns com os outros, a gente tenta passar o respeito de um para o outro. Todo dia é trabalhada essa socialização aqui.

Não, nenhuma.

Apêndice 7

Não, não conheço esse educador. Assim o nome não é estranho, mas não saberia afirmar de onde o conheço.

Bem, por desconhecer este autor também desconheço a contribuição. Mas penso que pelo fato dele ser uma pessoa da nossa área né!? Assim, acho que todos os professores deveriam conhecer ele, ate por que ele deve ter contribuído de alguma forma pra educação.